

Tomás Pita Cebola

**A Nova Onda de Imigrantes em Tete - Moçambique: O Caso dos
Zimbabweanos (2007-2016)**

Belo Horizonte, MG
UFMG/Cedeplar
2018

Tomás Pita Cebola

**A Nova Onda de Imigrantes em Tete-Moçambique: O Caso dos
Zimbabweanos (2007-2016)**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Demografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como
Requisito Parcial para Obtenção do Título de Mestre em
Demografia.

Orientador: Professor Doutor Alisson Flávio Barbieri
Coorientadora: Professora Doutora Gisela P. Zapata

Belo Horizonte, MG
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Faculdade de Ciências Econômicas - UFMG
2018

Ficha Catalográfica

C387n
2018 Cebola, Tomás Pita.
 A nova onda de imigrantes em Tete-Moçambique
 [manuscrito]: o caso dos zimbabwianos (2007-2016) / Tomás Pita
 Cebola. – 2018.
 96 f.: il., gráfs.

 Orientador: Alisson Flávio Barbieri.
 Coorientadora: Gisela P. Zapata
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
 Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional.
 Inclui bibliografia (f. 83-88) e anexo.

 1. Moçambique – Migração – Teses. 2. Zimbabue - Migração
 - Teses. 3. Demografia - Teses. I. Barbieri, Alisson F. - (Alisson
 Flávio). II. Zapata, Gisela P. III. Universidade Federal de Minas
 Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. IV.
 Título.

CDD: 304.8

Elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG – FPS 019 /2018

Folha de Aprovação

“Quer o queiramos quer não, as migrações continuarão, porque fazem parte da vida. Não se trata, portanto de as impedir, mas sim de as gerir melhor e de fazer com que todas as partes cooperem mais e compreendam melhor o fenómeno”.

Kofi Annan

Dedico este trabalho aos meus
amados filhos Nietzsche e Churchill.

AGRADECIMENTOS

Estaria a mentir se dissesse que os dois anos de estudos no CEDEPLAR/UFMG foram fáceis. Mas a concretização do curso foi possível graças a contribuição valiosa dada pelos docentes ao longo desses dois anos da minha formação nesta prestigiada universidade. A todos e a cada um dos docentes do programa de Pós-Graduação em Demografia vão os meus agradecimentos.

Ao Programa de Estudante Convênio de Pós – Graduação (PEC-PG) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo suporte financeiro durante o curso.

Agradecimentos particulares vão como não podia deixar de ser, para o Professor Doutor Alisson F. Barbieri e a Professora Doutora Gisela P. Zapata, Orientador e Coorientadora respectivamente. Durante todo o período da produção da dissertação beneficiei das suas palavras encorajadoras, da sua disponibilidade para resolver uma série de questões práticas e, sobretudo, da perspicácia dos seus comentários aos capítulos que lhes ia submetendo. É óbvio, sem as suas atenciosas e inteligentes orientações tudo teria sido mais aborrecido.

À Professora Doutora Laura R. Wong, por ter me recebido e por ter criado condições para que o difícil enquadramento num país alheio fosse relativamente fácil.

À Professora Doutora Paula Miranda-Ribeiro, pela simpatia e pela sua valiosa contribuição na elaboração do roteiro das entrevistas semiestruturas para o trabalho de campo.

Durante os dois anos do curso pude beneficiar dos comentários encorajadores do Professor Doutor José Alberto Magno de Carvalho. Comentários esses que de certeza deram-me mais fôlego. Professor José Alberto, sempre deixou claro, que independentemente das dificuldades que a gente enfrenta durante o curso, trabalhando arduamente o curso é realizável.

Ao Instituto Nacional de Estatística (INE) Delegação provincial de Tete, pela autorização de poder continuar com os estudos, especialmente à então delegada, Teresa Teixeira e a Chefe do Departamento dos Recursos Humanos, Olga Piano. Ao Delegado Paulo Mabote e aos colegas Jaimito Sambili, Maria Alfeu, Valentim Raposo estes dois últimos do INE Central em Maputo, por terem me enviado dados do Censo úteis na elaboração desta dissertação.

Ao Governo Provincial de Tete na pessoa do seu secretário, Manuel Mouzinho Joaquim Cebola (por sinal meu irmão), por ter conseguido os dados dos registros dos trabalhadores estrangeiros zimbabwianos da Direção Provincial do Trabalho, Emprego e Segurança Social, para o suporte dos argumentos desta dissertação.

Aos colegas moçambicanos de vários cursos com quem convivi no Brasil e principalmente ao Dr. Elisio Mazive, por ter me acolhido em sua casa nos primeiros dias após a minha chegada.

Aos Professores Doutores David Hedges e Yussuf Adam, meus docentes na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo, durante a licenciatura, pela amizade e confiança e pelas cartas de recomendações para que fosse aceite pelo CEDEPLAR assim como para que fosse selecionado para a bolsa do CNPq.

Aos meus colegas da coorte de 2016 e as demais coortes pela ajuda, convivência e companheirismo.

Aos funcionários do CEDEPLAR, pelo seu profissionalismo, atenção e respeito com os estudantes em especial ao Sebastião e a Cecília, pela sua gentileza de fornecer as informações de suporte acadêmico em tempo útil.

À Dra. Fernanda Gallo e ao seu esposo Maurício “minha família brasileira”, pela confiança e apoio incondicional.

À todos que me apoiaram durante o trabalho de campo especialmente ao senhor Zeca Naisson, tia Francisca Faife, Taegwa Faifa (na cidade de Tete); ao Micheque Dinga, (na vila de Moatize); ao tio Luís Manejo, Taurai Wairosse, e senhor Wengai (na vila Lenha em Changara); tia Anastácia Pita, e Leonardo Rafael (em Cuchamano) e à todos os entrevistado pela disponibilidade.

Ao meu pai, Mouzinho Joaquim Manuel Cebola, apesar de falecido enquanto eu no Brasil, sempre foi e será minha fonte de inspiração.

À minha mãe, Amélia Pita, o que dizer? Por tudo mãe e principalmente por ter ficado a cuidar dos pequenos, Nietzsche e Churchill, meus amados filhos.

À todos que direta ou indiretamente apoiaram-me para continuar com os meus estudos no Brasil, vai a minha profunda e eterna gratidão.

“TATENDA KWENE KWENE”.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar a nova onda de imigrantes na província de Tete - Moçambique através do caso dos imigrantes zimbabwianos. Nota-se que face à profunda alteração das trajetórias dos movimentos migratórios tradicionais e a sua complexidade (como a multiplicação dos destinos) nos dias atuais na região, o Estado Moçambicano precisa criar leis e condições de enquadramento das populações resultantes dos fluxos migratórios. Ocupando a posição de enclave geográfico e cercado quase totalmente pelos países Malawi, Zâmbia e Zimbabwe, a província de Tete é marcada historicamente como uma região de envio de emigrantes, mas nos últimos tempos tornou-se também uma região de destino, principalmente dos imigrantes do Zimbabwe, país com ligações históricas com a província e que vem enfrentando profunda crise desde o ano 2000. Assim, nos interessa refletir sobre quem são e porque esses indivíduos do Zimbabwe emigram para Tete, ampliando a ideia centrada unicamente nas motivações econômicas, quais as condições que encontram em Tete e quais as relações que estabelecem com os originários de Tete. Para tanto, cruzamos o maior número de fontes disponíveis, utilizando tanto o método quantitativo como o qualitativo. Foram utilizados dados quantitativos provenientes dos microdados do Censo moçambicano de 2007 e dos registros dos trabalhadores imigrantes, da Direção Provincial de Trabalho, Emprego e Segurança Social e também foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto aos imigrantes zimbabwianos em Tete. Diante dos dados analisados, esta dissertação argumenta que existe uma multiplicidade de fatores que contribuíram para a imigração de zimbabwianos em Tete, com destaque para a longa tradição da mobilidade intra-regional na África austral facilitada por fronteiras relativamente porosas e fortes laços culturais, linguísticos e de parentesco. Por outro lado, a instalação dos megaprojetos de mineração em Tete, que anunciaram um aparente crescimento econômico daquela província, contribuiu para o aumento da imigração dos vizinhos para Tete, num contexto em que se assistiam violentas e generalizadas ondas de xenofobia, na África do Sul (maior acolhedor de imigrantes na região) contra os imigrantes.

Palavras-Chave: Megaprojetos, imigração, Tete – Moçambique, Zimbabwe.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to analyze the new wave of immigrants in the province of Tete - Mozambique through the case of Zimbabwean immigrants. It should be noted that in view of the profound change in the trajectories of traditional migratory movements and their complexity (such as the multiplication of destinations) in the region today, the Mozambican State needs to create laws and framework conditions for populations resulting from immigration flows. Occupying the position of geographic enclave almost completely surrounded by Malawi, Zambia and Zimbabwe, the province of Tete is historically marked as a region of sending emigrants, but in recent times it has also become a destination region, mainly of immigrants from the Zimbabwe, a country with historical ties to the province and which has been facing a deep crisis since the year 2000. Thus, we are interested in reflecting on: who and why these individuals from Zimbabwe and why they emigrate to Tete, broadening the idea centered solely on economic motivations; what conditions they find in Tete and what relations they establish with those originating in Tete. To do so, we cross the largest number of sources available, using both quantitative and qualitative methods. It was used quantitative data from the microdata of the 2007 Mozambican Census and the records of the immigrant workers, the Provincial Directorate of Labor, Employment and Social Security, and also semi-structured interviews with the Zimbabwean immigrants in Tete. Considering the data analyzed, this dissertation argues that there is a multiplicity of factors that contributed to the immigration of Zimbabweans in Tete, highlighting the long tradition of intra-regional mobility in southern Africa, facilitated by relatively porous borders and strong cultural, linguistic and of kinship. On the other hand, the installation of the mega mining projects in Tete, which announced an apparent economic growth of that province, contributed to the increase of the immigration of the neighbors to Tete, in a context of violent and widespread waves of xenophobia in Africa South, (the biggest welcoming of immigrants in the region) against immigrants.

Key words: Mega projects, immigration, Tete – Mozambique, Zimbabwe.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR:	Agencia das Nações Unidas para os Refugiados
FRELIMO:	Frente de Libertação de Moçambique
ONU:	Organização das Nações Unidas
RENAMO:	Resistência Nacional de Moçambique
SADC:	Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral
ZANU (PF):	(Frente Patriótica) União Africana Nacional do Zimbabwe
MDC:	Movimento para a Mudança Democrática
ZAPU:	União do Povo Africano do Zimbabwe

LISTA DE TABELAS

TABELA1. POPULAÇÃO TOTAL (N) E DISTRIBUIÇÃO POR IDADE E SEXO SEGUNDO NACIONALIDADE: PROVÍNCIA DE TETE 2007.....	54
TABELA 2. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE 15 ANOS OU MAIS POR CONDIÇÃO LABORAL SEGUNDO NACIONALIDADE E SEXO, PROVÍNCIA DE TETE, 2007.....	60
TABELA 3. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE 5 ANOS OU MAIS POR NÍVEL DE ENSINO MAIS ELEVADO QUE FREQUENTOU, SEGUNDO NACIONALIDADE E SEXO. PROVÍNCIA DE TETE, 2007.....	62
TABELA 4: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE 12 ANOS OU MAIS POR POR ESTADO CIVIL, SEGUNDO NACIONALIDADE E SEXO. PROVÍNCIA DE TETE, 2007.....	64
TABELA 5: TRABALHADORES ZIMBABWEANOS FORMAIS POR SEXO E TIPO DE EMPRESA NA PROVINCIA DE TETE, 2007 A JUNHO DE 2017.....	66
TABELA 6: PERFIL DOS IMIGRANTES ZIMBABWEANOS ENTREVISTADOS	67
TABELA 7. CARACTERISTICAS GERAIS DOS IMIGRANTES ENTREVISTADOS EM TETE.....	69

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

FIGURA 1. MAPA DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE.....	24
FIGURA 2. MAPA DA PROVINCIA DE TETE (MOÇAMBIQUE).....	25
GRÁFICO 1. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR NACIONALIDADE ESTRANGEIRA: MOÇAMBIQUE, 2007.....	51
GRÁFICO 2. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR NACIONALIDADE ESTRANGEIRA: PROVÍNCIA DE TETE, 2007.....	52
GRÁFICO 3. PIRÂMIDE ETÁRIA DA POPULAÇÃO DA PROVÍNCIA DE TETE, 2007.....	55
GRÁFICO 4. PIRÂMIDE ETÁRIA DOS IMIGRANTES MALAWIANOS NA PROVÍNCIA DE TETE, 2007.....	56
GRÁFICO 5. PIRÂMIDE ETÁRIA DOS IMIGRANTE ZIMBABWEANOS NA PROVÍNCIA DE TETE, 2007.....	56
GRÁFICO 6. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS ZIMBABWEANOS ENTREVISTADOS POR ANO DE CHEGADA EM TETE.....	73

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos	18
1.1.1 Objetivo geral:.....	18
1.1.2 Objectivos específicos:	18
2. IMIGRAÇÃO PARA TETE-MOÇAMBIQUE: HISTÓRICO E APORTES TEÓRICOS.....	20
2.1 Evolução histórica e contexto atual da migração internacional na província de Tete.	23
2.2 Fatores de expulsão: A crise interna multifacetada do Zimbabwe e a emigração dos zimbabwianos para Tete.	29
2.3 A nova onda de imigrantes zimbabwianos em Tete: fundamentações teóricas e conceituais.	31
3. MÉTODOS.....	44
4. RESULTADOS	50
4.1 Censo demográfico de 2007.....	50
4.2 Análise dos registros dos trabalhadores (zimbabwianos) na província de Tete.....	65
4.1 Entrevistas com imigrantes Zimbabwianos em Tete.	66
4.2 Síntese dos resultados.....	78
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
7. ANEXO. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS FEITAS AOS IMIGRANTES ZIMBABWEANOS EM TETE.....	89

1. INTRODUÇÃO

A província de Tete não é uma exceção no que tange aos movimentos migratórios em Moçambique como um todo, marcado historicamente como um país de emigração, desde o século XV com a chegada dos portugueses. Todavia, nos últimos tempos Moçambique e a província de Tete em particular têm sido destino de um fluxo de imigração, cujo Zimbabwe é uma das origens de destaque (RAIMUNDO, 2011; PATRÍCIO, 2016).

É importante situar que o fluxo migratório entre os países transfronteiriços em Tete é algo histórico. Primeiramente porque os povos moçambicanos, antes mesmo da chegada dos portugueses no século XV, já circulavam devido a fatores diversos como a expansão ou retração de diferentes reinos ou clãs e principalmente devido o comércio árabe desde o século XII (SERRA, 2000). Além disso, as fronteiras criadas na Conferência de Berlim (1885), na partilha dos territórios africanos pelos colonizadores europeus, separaram povos linguística e culturalmente similares entre diferentes países. Neste caso os *tonga*, *tauara* e *shona* podem ser encontrados tanto em Tete como no outro lado da fronteira, no Zimbabwe. O povo *nyanja* está tanto no Malawi como em Moçambique e na Zâmbia e assim sucessivamente.

Esta convivência entre povos fez com que, em momentos críticos vividos em Moçambique como o colonialismo português¹, a guerra da independência (1964-1974), a guerra dos 16 anos (1976-1992), ou as grandes secas e fome, milhares de moçambicanos recorressem aos países vizinhos. Somente o Malawi recebeu um milhão de refugiados moçambicanos na década de 1980. Enquanto que para a região sul de Moçambique o destino era a África do Sul, para Tete e as outras províncias do centro de Moçambique o destino preferido era o Zimbabwe (RAIMUNDO 2011; DAS NEVES, 1991; COELHO, 1991; ADAM, 1991).

A crise interna que o Zimbabwe tem atravessado desde o ano 2000, na sequência da reforma agrária, e as subsequentes sanções econômicas impostas pelos países ocidentais provocou um fluxo emigratório daquele país para os Países vizinhos, dentre eles, Moçambique. Ofuscados pela crise interna e numa altura em que a considerada próspera

¹ Algumas das formas de atuação da administração colonial portuguesa era, a cobrança de Mussoco (imposto de palhota), o chibalo (trabalho forçado), aplicados aos povos nativos. Este foi um fator que incentivava as populações a emigrarem para os países vizinhos, sobretudo para o Zimbabwe, então Rodésia, onde os salários eram mais altos que na colônia portuguesa.

África do Sul se mostra hostil aos estrangeiros, expulsando-os em ondas de xenofobia², os zimbabwianos começaram a olhar para Moçambique e Tete em particular, como uma zona de esperança. O que começou a observar se desde o ano de 2000 quando eclodiu a crise (econômica, política e social) zimbabweana, e mais tarde com a implantação dos mega projetos de mineração, é o movimento ao contrário, com a entrada dos vizinhos “estrangeiros” para Tete, em busca de oportunidades (MTISI et al, 2008; MLAMBO, 2005).

Conhecida por suas riquezas minerais, pela seca e pelos grandes embondeiros (baobás), Tete já era um dos destinos preferidos dos Zimbabwianos (por várias razões). Começou a ganhar cada vez mais notoriedade nos noticiários do mundo devido a exploração de carvão mineral, sobretudo após a chegada da empresa brasileira Vale³, em 2007. A partir desses eventos, a região vem se transformando a cada dia. As expectativas geradas em torno do carvão vêm atraindo milhares de pessoas a Tete sejam de outras partes de Moçambique ou de fora do país engrossando o fluxo migratório zimbabweano que já tinha começado devido a crise acima referenciada.

Diante deste cenário, e dada a importância da imigração na conformação social, econômica, política e cultural da área em estudo, esta dissertação tem por objetivo compreender esta nova onda de imigrantes zimbabwianos em Tete-Moçambique.

A justificativa principal dessa dissertação é que, embora as relações históricas entre Zimbabwe e Moçambique sejam conhecidas, o tema da nova onda de imigrantes zimbabwianos que entram em Tete ainda não foi devidamente explorado. A análise parece ainda mais importante (e até mesmo urgente) diante da xenofobia vivenciada recentemente por vários estrangeiros, incluindo moçambicanos, na vizinha África do Sul o que aumentou a tensão existente em relação aos trabalhadores de fora do país (MOÇAMBIQUE. DW: ABRIL 2015). Em retaliação às mortes de moçambicanos na África do Sul, alguns trabalhadores moçambicanos ameaçaram os sul-africanos que trabalham em Moçambique no primeiro semestre de 2015 (MOÇAMBIQUE. DW:

2 Em 2008 foram mortos milhares de estrangeiros na República Sul Africana, acusados de estar a roubar o emprego dos nativos, um ato que se repetiu em Abril de 2015 e em Maio do mesmo ano em que o Governo Sul-africano, decidiu levar a cabo uma operação de captura de imigrantes ilegais e repatriá-los nos respectivos países de origem.

3 Para além da Vale, estão atualmente em Tete, mineradoras como: Euroasian Natural Resource Corporation (ENRC); International Coal Venture Lda. (I.C.V.L.) que substituiu a Rio Tinto; a Jindal Coal Mining Lda; Capital Resource, entre outras.

ABRIL 2015). Ou seja, a questão da migração é algo latente na região da África Austral e exige estratégias de discussão.

Acreditamos que se trata de um tema singular, e de certa maneira original, pois ainda hoje Moçambique é visto prioritariamente como um país de emigração. Ou seja, como mencionado anteriormente, há vários trabalhos que abordam o fenômeno migratório em Moçambique, através da problemática de emigração de Moçambicanos para o estrangeiro, sobretudo para África do Sul e Zimbabwe, e não o contrário, a vinda de estrangeiros para Moçambique. A pesquisadora moçambicana Inês Raimundo (2014), chama atenção para o círculo vicioso de deslocamentos resultantes de calamidades naturais, projetos de desenvolvimento e seus reassentamentos, migração laboral, guerras; o que leva a autora a intitular Moçambique de um país formado por uma “população com malas às costas”. Ademais, há um viés na literatura sobre migrações internacionais em considerar os movimentos Sul-Norte entre países em desenvolvimento para países desenvolvidos, com maior atenção do que aos movimentos Sul-Sul que, via de regra representam a maior parte dos movimentos internacionais, sobretudo os de âmbito regional (HUGO, 1996). E por outro lado, os últimos dados da ONU mostram que desde 1990, os movimentos migratórios Sul-Sul têm crescido muito mais rápido que os Sul-Norte, inclusive se tornando mais numerosos (ONU, 2013).

Na delimitação do âmbito cronológico, temos como baliza o ano de 2007, data em que se realizou um Censo Populacional em Moçambique (que de entre outras coisas, captou o fluxo de imigrantes zimbabwianos, que tinha começado antes). Este Censo observou que a província de Tete apresenta a maior concentração de imigrantes internacionais acumulados - 35%, seguido da província de Niassa (14.8%), província de Zambézia (13,3%) e província de Manica (11.6%), justificando, assim, a importância do nosso estudo de caso como uma região de alta concentração de imigrantes em Moçambique. Também em 2007 o Governo de Moçambique, assinou o contrato de concessão com a primeira empresa a se instalar em Tete, a brasileira Vale (um contrato que prevê não só a exploração da maior jazida de carvão do mundo, em Moatize, como a instalação de uma central térmica) o que precipitou a consequente chegada em Tete, de moçambicanos de outras províncias do país e de outros estrangeiros para além dos zimbabwianos que já ali estavam. O arco temporal completa-se no ano 2016 (o mais

próximo possível da atualidade), altura em que outros mega projetos continuam a escalar Tete⁴ resultando no acréscimo do fluxo de imigrantes.

Embora o Censo de 2007 tenha observado que em termos de volume os imigrantes malawianos são o grupo mais relevante (62,2%,) na província de Tete, o nosso foco nesta dissertação são os imigrantes zimbabwianos, o segundo grupo mais relevante em termo de volume (18,6%), porque o Zimbabwe ocupa um histórico lugar de destaque no sistema econômico e político da região e foi por longos anos a segunda potência econômica mais importante na África austral depois da África do Sul. Há, ainda, uma motivação pessoal envolvida. Os zimbabwianos foram escolhidos já que parte da minha família vive no distrito de Changara, fronteira com o Zimbabwe, onde nasci. Além disso, minha família chegou a morar no país vizinho em diferentes momentos e essa relação estabelecida com o Zimbabwe me habilitou a falar a língua *shona*, do citado país, o que possibilitou uma melhor coleta de dados para esta dissertação, uma vez que grande parte das entrevistas foi feita em língua Shona, dada a dificuldade do grupo alvo em falar português.

Finalmente, nos interessa refletir sobre questões como: quem são esses imigrantes? Quais são as características socioeconômicas, demográficas e culturais desses imigrantes? Quais as motivações, incluindo mais além daquelas relacionadas às questões laborais - que levam os zimbabwianos a se mudarem para Tete? As similaridades linguísticas e culturais favorecem sua decisão de deixar o país de origem em direção à Moçambique?

Para responder tais perguntas a coleta e análise de dados desta dissertação foi baseada a partir dos microdados do Censo moçambicano de 2007 e dos registros de trabalhadores estrangeiros da Direção Provincial de Trabalho, Emprego e Segurança Social de Tete, combinados com os dados qualitativos, a partir das entrevistas semiestruturadas, feitas aos imigrantes zimbabwianos em Janeiro e fevereiro de 2017 na província de Tete. A combinação dos dados quantitativos com a metodologia qualitativa, vai contribuir na compreensão mais profunda das migrações intra- regionais Sul-Sul no contexto da África austral, dada a complexidade dos movimentos migratórios nesta região na atualidade.

4 Como por exemplo, o projeto de construção da Hidrelétrica de M'panda Nkhuwa, no qual, tal como na exploração de carvão o Brasil é o principal parceiro.

Não há dúvidas de que a crise interna do Zimbabwe, decorrente da desastrosa reforma agrária dos anos 2000, foi a principal impulsionadora da emigração da população daquele país. Mas o que teria levado uma parte considerável de emigrantes zimbabwianos a escolherem a província moçambicana de Tete como seu destino? Não existe uma resposta simples e pronta que pode ser oferecida para esta questão. Portanto, argumenta-se que uma multiplicidade de fatores, contribuiu para que Tete (historicamente marcado como região de envio de emigrantes) se tornasse também uma região de acolhimento de imigrantes como: A longa tradição da mobilidade intra-regional na África austral, facilitada por fronteiras relativamente porosas e fortes laços culturais, linguísticos e de parentesco, entre a região de origem (Zimbabwe) e de destino (Tete). O “aparente” crescimento econômico da província de Tete, anunciado pela instalação dos mega projetos de mineração, naquela província, numa altura em que a África do sul (o maior acolhedor dos emigrantes da região) encontrava-se sob o efeito de violentas ondas de xenofobia generalizada, favorecendo o aumento da imigração dos vizinhos para Tete.

1.1 Objetivos

Dada a definição do objeto de estudo, a justificava para a relevância da dissertação e as questões que a direcionam, as duas próximas subseções sistematizam os objetivos geral e específicos.

1.1.1 Objetivo geral:

O objetivo geral da dissertação é analisar a nova onda de imigrantes zimbabwianos na província de Tete – Moçambique.

1.1.2 Objectivos específicos:

Os três objetivos específicos da dissertação são:

- 1) Analisar as migrações internacionais em Tete, sob uma perspectiva histórica e identificar fatores de ordem econômica, social, cultural e política na origem e no destino dos imigrantes, que permitam compreender o fluxo migratório atual;

- 2) Esboçar um perfil sóciodemográfico dos imigrantes zimbabwianos em Tete;
- 3) Identificar as motivações e consequências da nova onda de imigrantes zimbabwianos em Tete.

Esta dissertação está, portanto, dividida em cinco seções, considerando esta introdução. A próxima seção trata da imigração para Tete - Moçambique: histórico e aportes teóricos. Na terceira e na quarta seções são descritos a metodologia e os resultados obtidos e, na última, descrevem-se algumas considerações finais sobre a dissertação.

2. IMIGRAÇÃO PARA TETE-MOÇAMBIQUE: HISTÓRICO E APORTES TEÓRICOS.

A economia de Moçambique e da província de Tete em particular tem sido dominada desde 2007 por investimentos de mega projetos de mineração, que no geral tem recebido investimentos iniciais superiores a USD 500.000.000 (quinhentos milhões de dólares americanos) (MOSCA & SELEMANE, 2011). A implantação desses mega projetos provocou uma onda de migrantes internos e estrangeiros para a província de Tete, dentre eles zimbabweanos, que já migravam para Tete desde 2000 por conta da crise interna, zimbabweana na sequência da reforma agrária ⁵ como referido anteriormente.

Raimundo (2011) faz uma breve referência à recente imigração de zimbabweanos para Moçambique, principalmente para a região centro do país. A autora afirma que a crise interna do Zimbabwe teria aberto as portas para a maior mobilidade de vendedoras de sexo para as províncias do centro de Moçambique. Em outro estudo, a Raimundo (2011) chama atenção para um novo fenômeno migratório em Moçambique caracterizado pela entrada massiva de estrangeiros, cuja origem se localiza particularmente na região dos Grandes Lagos de África; Etiópia, Somália, Médio Oriente (Líbano) e na Ásia especificamente, China, Bangladesh e Paquistão. Concordando com a ideia de Raimundo, Patrício (2016), entende que este fenômeno se justifica pelo fato de que nos últimos tempos, a manifesta presença de multinacionais europeias, asiáticas, norte americanas e da América do Sul – que se dedicam à exploração de recursos naturais - carvão mineral em Tete; gás e petróleo nas províncias de Inhambane e Cabo Delgado; madeira na Zambézia, Cabo Delgado, Nampula, Niassa e Sofala; ouro, pedras preciosas e semipreciosas em Manica, Tete, Zambézia, Nampula e Cabo Delgado; areias pesadas na Zambézia e Gaza – têm contribuído, em parte, para a ocorrência de migrações internas e internacionais (PATRÍCIO, 2016).

Por sua vez, Mosca e Selemene (2011), evidenciam os problemas causados pelos reassentamentos das populações locais em Tete e o não cumprimento das promessas dadas a essas, pelas empresas mineradoras, com a cumplicidade das autoridades

⁵ Consequência das lacunas deixadas pelo “famoso” acordo de Lancaster House (que determinou a independência do Zimbabwe), a reforma agrária zimbabweana de 2000 implicou a expulsão de fazendeiros brancos que empregavam mais de 80 % da população e, por conseguinte o garante da economia do país.

governamentais. De fato, a presença dos grandes investimentos internacionais em Tete tem provocado na população local um descontentamento quase indisfarçável, pois tal população, não se vê contemplada com os ditos benefícios tão anunciados pelos megaprojetos instalados, como a maior oferta de empregos à população local, maior investimento em infraestrutura, e.t.c. Assim, se assume que o desenvolvimento trazido por estes investimentos em Tete é mais aparente do que real. Os autores levantam ainda, um debate sobre a relação existente entre imigração e mercado de trabalho em Tete e concluem que significativa parcela da imigração é derivada de baixa qualidade e experiência profissional da oferta de trabalho em Tete (MOSCA & SELEMANE, 2011). Os autores discutindo os mega projetos no meio rural de Tete também afirmam que as profissões especializadas (mecânicos, eletricitas, serralheiros, etc.) são ocupadas por pessoas provenientes dos países vizinhos dentre eles o Zimbabwe (MOSCA & SELEMANE, 2012).

Sobre a migração internacional e as relações transfronteiriças entre países e povos vizinhos no contexto da África Austral, Beach (1993) afirma que a fronteira entre Moçambique e seus vizinhos anglófonos - Zimbabwe, Zâmbia e Malawi, implicou nas diferenças sociais, econômicas e políticas entre os países, mas não impediu a comunhão de similaridades históricas ancestrais. O autor, pontua que o tratado anglo português de 1891 não só penetrou através de grande número de territórios africanos, como ignorou as ligações econômicas antigas entre os povos da costa de Moçambique, dos planaltos do Zimbabwe e Zâmbia e os povos das regiões montanhosas e lagos do Malawi, (BEACH, 1993).

O historiador moçambicano, Das Neves (1991), vai na mesma direção ao afirmar que a configuração geográfica particular do antigo distrito de Tete (hoje província de Tete), faz dele, uma espécie de península cercada quase totalmente por territórios estrangeiros, fruto do traçado fronteiriço do acordo luso-britânico de 1891, que legitimou a jurisdição colonial em ambos territórios e a criação de uma unidade territorial artificial, separando populações que apresentavam afinidades étnicas, linguísticas, culturais e até políticas, (DAS NEVES, 1991). São essas fronteiras que criaram uma unidade territorial artificial que a Organização da Unidade Africana (OUA) optou por manter, (HEMER, 2002). Ao criarem o Estado-nação os dirigentes de Moçambique pós-independente, um e indivisível, tomaram medidas para pôr fim a diversidade sócio cultural e étnica, que foi taxada de divisionista e tribalista. “É preciso matar a tribo para construir a nação” dizia

o primeiro presidente de Moçambique independente, Samora Machel (CHICHAVA, 2008).

Apesar da legalidade, funcionalidade e a inviolável soberania nacional, a fronteira continuou para algumas comunidades de Moçambique e Zimbabwe como algo estranho e externo, pois suas ligações históricas ancestrais continuam vivas.⁶ Esta manutenção das fronteiras coloniais dos países africanos independentes, levou autores mais radicais, a afirmarem que Moçambique como nação, não existia e provavelmente ainda não exista, pois não é vivido como tal por todos os moçambicanos (CAHEN, 1994).

Essa contextualização é importante para definir as bases históricas em que a recente onda de imigração para Tete (especialmente de zimbabwuanos) se materializa, e se esse processo estaria colocando de lado a ideia de fronteira nacional.

Como já foi mencionado a movimentação de população ao longo da história moçambicana se faz sentir na província de Tete, que foi considerada por muito tempo como uma reserva de mão-de-obra para a Rodésia do Sul (Zimbabwe) (COELHO, 1991). De acordo com o historiador moçambicano Adam (1991), em 1980 o distrito fronteiriço de Changara tinha cerca de 86.800 habitantes, e cinco anos depois a população estava reduzida na metade devido a emigração para o Zimbabwe ou porque morreram devido a seca. Conforme veremos na discussão dos resultados essa presença de moçambicanos em Zimbabwe, parece ter estimulado de alguma forma aos zimbabwuanos a fazer o caminho inverso na atualidade.

Diante deste cenário parece importante o esforço de Inês Raimundo (2011) que ao analisar instrumentos jurídicos como a Constituição da República de Moçambique de 2004, e a Convenção Internacional Sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das Suas Famílias de 1990 (ratificado por Moçambique), chama atenção para o fato que “Moçambique necessita de forma urgente de instrumentos que assegurem a eficácia da livre circulação da população e garantir

6 Os Taura e Tonga do sul do rio Zambeze, em Tete, fazem parte do complexo do povo Shona (que é a grande maioria do povo do atual Zimbabwe); a crença do espírito m'pondoro (Leão) para a invocação da chuva entre outros fins é um ritual realizado pelas comunidades Shona de Zimbabwe e comunidades Taura e Tonga de Tete Moçambique. E o mesmo sucede com o ritual de Bhona entre outras crenças. As igrejas Zione, Jhoane Malangue e Jhoane Masowe, frequentadas massivamente por moçambicanos de Tete, têm as suas sedes e líderes supremos no território Zimbabwano.

que as migrações, sejam fator de redução de pobreza e de desenvolvimento” (RAIMUNDO, 2011:65).

2.1 Evolução histórica e contexto atual da migração internacional na província de Tete.

Começamos essa subseção por apresentar alguns elementos que caracterizam o contexto demográfico e espacial de Moçambique no geral e da província de Tete em particular.

Moçambique situa-se ao sudeste da África e, portanto, pertence à região conhecida como África Subsaariana. Com uma superfície de 800 mil km², e uma população recenseada em 2007 de 20, 632,434 habitantes e projeta em 2017 de 27, 128,530 e uma densidade de 28.8 habitantes/km², faz fronteira, ao norte, com a Tanzânia, a Oeste com Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, e a sul, com a África do Sul e Swazilândia, sendo a faixa Este banhada pelo Oceano Índico, numa extensão de 2.470 km. O País está dividido em 11 províncias, agrupadas em três regiões, nomeadamente: Sul, Centro e Norte. Integram a região Sul as províncias de Maputo, Gaza, Inhambane e Maputo Cidade, ocupando cerca de 20% do território nacional; a região Centro, composta pelas províncias de Zambézia, Sofala, Manica e Tete, é a mais extensa, pois abarca 42% do território nacional. Por fim, a região Norte, formada pelas províncias de Nampula, Cabo Delgado e Niassa, engloba 37% do território (INE, 2007).

FIGURA 1. MAPA DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE.



Fonte: <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/mz.html>

A província de Tete que é o espaço geográfico desta dissertação está localizada na região centro de Moçambique, tem uma superfície de 100.724km², com uma população recenseada em 2007 de 1,807,485 e uma densidade de 21.2 habitantes/km², sendo que o

Censo mostrou que cerca de 13.7% da população de Tete reside nas áreas urbanas e 86.3% nas áreas rurais. Possui 15 Distritos - incluindo a cidade de Tete, nomeadamente; Na região norte do Rio Zambeze: Angónia, Moatize, Mutarara, Nhamayabue, Tsangano, Zumbu, Chifunde, Chiúta, Macanga, Marávia, e na região sul do Rio Zambeze: Cahora-Bassa, Changara, Marara, Mágoè e Cidade de Tete (INE, 2007).

FIGURA 2. MAPA DA PROVINCIA DE TETE (MOÇAMBIQUE).



Fonte: https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+provincia+de+tete&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=ScVIhOBV3Gg8fM%253A%252CAbh4BJ5E1EUyvM%252C_&usq=_nMj4bX6KZZl55y13gPnuLNbhD3g%3D&sa=X&ved=0ahUKEwj2k8WHwqvZAhUGWpAKHdWgBc4Q9QEIRjAF#imgsrc=ScVIhOBV3Gg8fM

A Província de Tete faz fronteira com 3 países: Malawi, Zâmbia e Zimbabwe. Ao longo destas fronteiras, existem 8 (Oito) Postos de Travessia em funcionamento: com a

República do Malawi: Vila Nova da Fronteira; Zóbuè, Biri-Biri e Calómue; com a República da Zâmbia: Kassacatiza e Zumbu e com a República do Zimbabwe: Mukumbura e Kuchamano.

Tradicionalmente, os países da região austral do continente africano (que hoje formam a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral - SADC), tais como Moçambique, Zimbabwe, Lesoto, Botswana e outros, sempre estiveram de alguma forma ligados e até mesmo dependentes da economia da África do Sul, que é a maior potência - não só da região como do continente africano no geral. Assim, este país é espécie de um El Dorado para muitas das populações dos países da região que a todo custo procuram migrar para aquele país (RAIMUNDO, 2010; COVANE, 1996, DAS NEVES 1998; VLETTER 2000).

Diversos eventos ajudam a explicar a história dos fluxos migratórios em Moçambique, tais como: as migrações bantu; a expansão e retração de vários reinos e clãs, o comércio costeiro com os árabes, a escravidão, a colonização portuguesa, o Xibalo (trabalho forçado, no período colonial, levado a cabo pelos colonizadores portugueses contra os nativos), a guerra colonial (1964-1974) a guerra civil (1977- 1992) e as calamidades naturais tais como as secas de 1982/83/84. Mais recentemente a investigadora, Raimundo (2009), inclui as questões culturais e principalmente acusação de feitiçaria como um fator de migrações forçadas em Moçambique, ainda que em nossa opinião os fluxos em função da feitiçaria não sejam relevantes em termos de volume.

Desde o período colonial, as populações da região sul de Moçambique sempre migraram para a África do sul, de onde eram e continuam sendo recrutados por vias formais e informais, para trabalharem nas minas e nas plantações (COVANE, 1996; HARRIES, 1994; MUANAMOHA, 2010). Por sua vez as populações da região centro de Moçambique e, sobretudo da província de Tete devido a sua localização geográfica, tinham na Rodésia do Sul (hoje Zimbabwe) o seu destino preferido (DAS NEVES, 1991; 1998; COELHO, 1993; ADAM, 1996).

A província de Tete tem uma ligação histórica secular com o Zimbabwe, por razões várias; desde a proximidade geográfica, a similaridade linguístico-cultural e as trocas comerciais entre os povos antes mesmo da presença europeia ou de quando foram traçadas as fronteiras que separam Moçambique do Zimbabwe, durante a conferência de

Berlim (1885)⁷. Esta convivência e similaridade entre os povos de Tete e do Zimbabwe permitiram que nos momentos críticos vividos em Moçambique, tais como, guerras, secas, fome os moçambicanos de Tete se refugassem no Zimbabwe.

O Zimbabwe, antigamente chamado de Rodésia do Sul, foi uma das mais desenvolvidas colônias britânicas na África. De fato, contrariamente às outras colônias de exploração (como o Quênia, Zâmbia ou Malawi), a então Rodésia foi uma colônia de povoamento, por conseguinte, um território governado em regime de autonomia pela minoria branca desde 1923. Por exemplo, o período da Segunda Guerra Mundial foi de grande progresso da agricultura e da indústria mineira zimbabweana, pois este país desempenhou um papel preponderante durante a guerra. De fato, para além de ter enviado milhares de homens que intervieram diretamente nos campos de batalhas, o Zimbabwe foi uma das principais fontes de fornecimento de minerais essenciais (crómio, asbesto, volfrâmio e mica) e de alimentos como milho, carne e tabaco para as tropas aliadas. (MINTER & SCHMIDT, 1988; MLAMBO, 2009).

Outro momento marcante do desenvolvimento da economia da colônia rodesiana foi o período da constituição da federação das Rodésias e Niassalândia (1953-1960) que beneficiou e acelerou a industrialização da região. Verificou-se também uma significativa melhoria de infraestruturas de grande envergadura tais como - o projeto da hidroelétrica da Kariba no rio Zambeze, e a construção de caminho de ferro ligando o porto de Maputo ao Zimbabwe passando por Limpopo (CEBOLA, 2010; MACKINTOSH, 1986; DAS NEVES, 1991; MLAMBO, 2005; ROBERTS, 1981).

A Zâmbia e o Malawi, antigamente chamados de Rodésia do Norte e Niassalândia, não foram mais que mercado dos produtos manufaturados no Zimbabwe e fonte de mão-de-obra barata para os sectores agrícolas e minerais daquele país. Para além dessas vantagens, o Zimbabwe beneficiou-se de investimentos estrangeiros e expandiu o seu mercado local. Este contexto económico zimbabweano impulsionou a emigração dos moçambicanos da região central particularmente os de Tete que procuravam escapar do recrutamento obrigatório e do trabalho forçado. Numa altura em que o Zimbabwe deparava se com o problema de falta de mão-de-obra local, num contexto de competição com a poderosa África do sul, essa ultima que possui o capital mais dinâmico da região,

⁷ Em 1885, ano da realização da Conferência de Berlim, foi realizada a partilha do continente africano pelos europeus. Em 1891, ano do tratado Luso-Britânico, foi determinada a fixação da fronteira entre Moçambique e Zimbabwe.

tornou-se a preferida pela mão-de-obra moçambicana, empurrando assim o Zimbabwe para um estatuto periférico (ADAM & DAVIES, 1981). Para das Neves (1991), Tete, que já era oficialmente espécie de uma reserva de mão de obra para o Zimbabwe desde 1913⁸, registrou um incremento da emigração, não só pela sua localização geográfica (cercada por colônias britânicas), mas também pelo seu débil desenvolvimento econômico e pelas grandes afinidades culturais com os povos vizinhos.

Com uma grande área semiárida, e, por conseguinte vulnerável a secas frequentes e prolongadas, a província de Tete foi também um dos palcos mais usados pelas duas sangrentas guerras que Moçambique vivenciou. A guerra colonial de (1964 a 1974) e a guerra civil (1977-1992), forçou uma parte considerável da população a refugiar-se nos territórios vizinhos entre eles o Zimbabwe.

Patrício (2016), fazendo referência aos dados do ACNUR (1995), afirma que “a guerra provocou a fuga de 1.7 milhões de pessoas (numa população de 12 milhões de habitantes, de acordo com o censo de 1980) para os territórios vizinhos, como o Zimbabwe, Swazilândia, Malawi, Tanzânia, Zâmbia e África do Sul, tornando Moçambique detentor da maior população refugiada na África e o terceiro no mundo, depois do Afeganistão e da Palestina”, (PATRÍCIO, 2016: 91).

Os refugiados só retornaram em massa ao país após a assinatura do Acordo Geral da Paz em 4 de Outubro de 1992, entre a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) e o Governo da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Pela sua localização geográfica, a província de Tete recebeu cerca de 790.000 retornados. Mas também é preciso frisar que nem todos conseguiram ou puderam retornar ao país após a guerra. Há quem conseguiu emprego no país de refúgio, e achou melhor continuar por lá; há famílias que ficaram divididas; por exemplo, pais que deixaram seus filhos adultos, tendo estes por sua vez casado e formado novas famílias, no país acolhedor, mas ao mesmo tempo continuaram em contato com a outra família nuclear que retornou ao país de origem, Moçambique (PATRÍCIO, 2016).

Com a eclosão da crise interna no Zimbabwe a partir dos anos 2000, começou a se verificar o movimento contrário, - a vinda dos vizinhos zimbabwianos a Tete - em busca de oportunidades, paz e tranquilidade.

⁸ Em 1913, foi assinado o primeiro acordo formal sobre a emigração de mão-de-obra Moçambicana (Tete) para a Rodésia do Sul (Zimbabwe), entre as autoridades portuguesas, e as autoridades rodesianas.

A sessão a seguir trata da crise interna que o Zimbabwe está vivendo desde 2000 e a consequente emigração da população daquele país para os territórios vizinhos incluindo Moçambique e a província de Tete em particular. Vale a pena pontuar, que a literatura sobre a imigração Zimbabweana em Tete é ainda muito escassa e que os autores citados nessa dissertação são algumas das poucas referências que fazem menção do assunto.

2.2 Fatores de expulsão: A crise interna multifacetada do Zimbabwe e a emigração dos zimbabweanos para Tete.

Considerado como celeiro do continente africano por várias décadas desde o tempo colonial, o Zimbabwe vive, desde os anos 2000, uma crise profunda, generalizada e sem precedentes. O país é hoje caracterizado pela intimidação, violência e emergência humanitária devido à falta de todos os bens da primeira necessidade e o desaparecimento da própria moeda nacional.

Estima-se que hoje cerca de três milhões de zimbabweanos se encontrem refugiados em países vizinhos, nomeadamente no Botswana, na África do Sul, e em Moçambique, num movimento migratório no qual não só os mais vulneráveis, mas também centenas de milhares de profissionais qualificados se viram obrigados a deixar o seu próprio país. A esperança média de vida é um dos indicadores que mostra a gravidade da situação que aquele país está vivenciando. Em 1990, a esperança média de vida no Zimbabwe era de 61 anos; hoje, a esperança média de vida é de 34 anos para as mulheres e de 37 anos para os homens (BRANCO, 2008; PORTO, 2008; NICOLAU, 2014). Mas o que teria levado, um país relativamente próspero, de um extremo para outro, num curto espaço de tempo?

As raízes da crise que o Zimbabwe vive desde o ano 2000, encontram-se nas lacunas deixadas pelo Acordo Constitucional de Lancaster House. Este acordo conduziu as negociações da independência do Zimbabwe em 1980, após vários anos de uma sangrenta luta armada. Aparentemente o Acordo de Lancaster House tinha acomodado os interesses das diversas partes envolvidas; porém 20 anos depois viu-se que não passou de uma ilusão (BRANCO, 2008; PORTO, 2008).

Quando foi eleita primeira ministra da Inglaterra em maio de 1979, Margaret Thatcher estava decidida a reconhecer, o governo “ilegal” de Abel Muzorewa. No entanto Thatcher foi contrariada e obrigada pelos chefes dos Estados da Commonwealth, a

concordar com a convocação de uma conferência constitucional incluindo os dois movimentos, União Africana Nacional do Zimbabwe (ZANU) e União do Povo Africano do Zimbabwe (ZAPU). Foi então aberta a “famosa” Conferência Constitucional de Lancaster House de 10 de Setembro à 21 de Dezembro de 1979 em Londres. Um dos pontos que mais dividiu as opiniões dos vários intervenientes nas conversações de Lancaster House foi a questão da terra e da reforma agrária no futuro Zimbabwe (NDLELA, 1987; MLAMBO, 2005).

O princípio da base de luta armada dos nacionalistas tinha sido o de libertar a terra e devolvê-la a população negra (há décadas marginalizada pelas leis coloniais racistas). Infelizmente por força de circunstâncias as cláusulas do acordo de Lancaster House concernentes à questão da terra contrariaram as expectativas dos nacionalistas zimbabwianos, na medida em que o acordo impôs o valor comercial das terras, ou seja, nele determinou-se que a terra mudaria do proprietário somente em função da vontade do vendedor e do comprador (*willing seller – willing buyer*) (PALMER, 1990).

Na verdade o acordo de Lancaster House decorreu num momento pouco propício para a nacionalização das terras devido à questão da liberalização da economia a nível das grandes potências ocidentais. A preocupação dos países ocidentais no decurso das conversações do acordo de Lancaster House era de impedir a nacionalização das terras, pois permitir a nacionalização significaria o fim dos investimentos da agricultura colona no Zimbabwe. Aliás, antes da realização do acordo de Lancaster House, o ocidente, principalmente os EUA já tinham dado propostas de doar fundos de desenvolvimento ocidental para suportar o desenvolvimento capitalista do Zimbabwe independente (NDLELA, 1987).

A partir de Lancaster House, Londres aceitou finalmente supervisionar eleições que deram lugar a independência onde a ZANU-PF e Robert Mugabe tiveram uma maioria esmagadora e Zimbabwe tornou-se independente em 18 de Abril de 1980. Numa altura em que a região Austral da África encontrava-se em turbulências, como as guerras civis em Angola e em Moçambique e face ao isolamento mundial da África do Sul por conta da sua condenada política racista do apartheid, o Zimbabwe tornou-se líder regional e realmente as expectativas relativamente ao futuro deste país eram promissoras. Contudo a cláusula *willing seller – willing buyer* do acordo de Lancaster House, minaria, o futuro político e económico do Zimbabwe.

Para a ZANU-PF e Robert Mugabe, que em muitos aspectos puderam beneficiar-se do acordo de Lancaster House, para ganharem as eleições da independência, a cláusula *willing seller – willing buyer* constituiu espécie de presente envenenado da administração da chamada “dama de ferro”, a Sra. Margaret Thatcher (primeira ministra inglesa de 1979- 1990). Com esta cláusula o governo independente do Zimbabwe se encontrou cada vez mais endividado e dependente dos financiadores ocidentais e, por conseguinte, cada vez mais incapacitado para conduzir a reforma agrária. Foi essa questão que vinte anos após a assinatura do acordo de Lancaster House mergulhou o Zimbabwe numa grave crise política, econômica e social sem precedentes (CEBOLA, 2010).

Cansado das amarras do Acordo de Lancaster House, o Governo zimbabweano liderado por Robert Mugabe, começou nos anos 2000 uma Reforma agrária unilateral, sem acomodar nem respeitar o que tinha sido acordado no acordo de 1979 em Londres. Como consequência, o bloco dos países ocidentais liderado pela Inglaterra impôs sanções econômicas ao Zimbabwe, mergulhando o país em uma profunda e generalizada crise (MINILLO, 2017).

A crise interna do Zimbabwe teve consequências negativas imediatas, múltiplas e de grande alcance, sendo uma das mais relevantes a migração forçada de milhares de pessoas para os países vizinhos entre eles Moçambique e a província de Tete em particular. Em uma população de 13 milhões de habitantes, estima-se que cerca de 4 milhões abandonou o país (NICOLAU, 2014)

2.3 A nova onda de imigrantes zimbabweanos em Tete: fundamentações teóricas e conceituais.

Os principais conceitos usados nessa dissertação são: migração (voluntária e forçada); setor formal e informal da economia. Busca-se, ainda debater como a discussão sobre a evolução histórica e o contexto da migração em Tete e em Moçambique podem ser discutidos a partir da literatura estante sobre migrações internacionais, assim como permitir novos olhares sobre essa literatura a partir de uma discussão de movimentos migratórios internacionais regionais sul-sul.

Em uma perspectiva demográfica, as migrações representam uma das mais importantes formas de mobilidade humana e influenciam decisivamente nas taxas de fecundidade e mortalidade encontradas numa dada população. Ademais, à medida que a fecundidade diminui, a migração torna-se responsável pelas mudanças na distribuição da população, tanto dentro dos países (migração interna) como, por vezes, mesmo entre países, (migração internacional) (BILSBORROW, 2016).

Para Raimundo (2011), a obtenção dos números sobre as pessoas que estão em mobilidade é dos mais difíceis exercícios da disciplina de demografia, e, citando Zlotnik (1999), a autora sublinha que seria necessário contar anualmente todas as pessoas que cruzam fronteiras por motivos de fixação de residência definitiva incluindo as saídas, dos seus países de origem e as que regressam definitivamente para os seus países.

Nesse sentido, achamos importante definir de uma forma clara o conceito de migração, para distingui-lo de outras formas de mobilidade humana, até porque a sua definição é reconhecidamente ambígua e complexa por vários autores. Tal é o caso de um dos mais abrangente livro de demografia, que afirma que “a definição de um migrante é necessariamente arbitrária” (SIEGEL E SWANSON, 2004:495). Por sua vez Skeldon (1990), no primeiro capítulo do seu livro, critica a ambiguidade da definição da migração que está contida em um fenômeno mais amplo que é a mobilidade (ao contrário das outras componentes demográficas, fecundidade e mortalidade que são relativamente claras nas suas definições).

Bilborrow (2016) define a migração, bidimensionalmente, como um movimento com a finalidade de mudar o lugar habitual de residência que envolve atravessar uma fronteira política dentro do país (migração interna) ou uma fronteira internacional (migração internacional). Segundo este autor, todos os outros movimentos não são “migração”, mas sim diferentes formas de mobilidade geográfica. O autor chama a atenção de que, isso não evita o uso de termos como “migração temporária” e “migração sazonal” se implicarem uma mudança temporária de residência, sublinhando que não há exigência de dimensão de tempo para “migração”. Nesse aspecto, se alguém acaba de chegar (ou apenas deixou) um mês ou mesmo apenas um dia atrás, com a intenção de mudar sua residência e envolve cruzar uma fronteira, então é na verdade, a migração naquela época, mesmo que a intenção não seja realizada mais tarde (BILSBORROW, 2016).

Para este trabalho, entende-se por “migração internacional o deslocamento de pessoas entre fronteiras nacionais, resultando numa mudança do país de residência habitual” (PNUD, 2009:150). Esta definição será aplicada, nessa dissertação, ao estudo de caso sobre mudança de residência do Zimbabwe para Tete, Moçambique. Esta definição é abrangente ao identificar as duas características-chaves da migração (mudança de residência habitual e atravessar uma fronteira internacional). Por outro lado, esta definição tem limitações ao não abordar as circunstâncias em que as pessoas migraram (migração voluntária ou forçada).

Os fatores de expulsão foram frequentemente mencionados no trabalho de campo, já que os migrantes mencionavam, por vezes, que a sua mobilidade ocorreu em situações em que eles tinham pouca ou nenhuma escolha.

Para Hugo (1996), nas distinções feitas entre os tipos de movimentos populacionais continua a ser difícil distinguir as migrações voluntárias e forçadas, dado que múltiplos fatores contribuem para a migração, como se afirma amplamente na literatura, e uma das divisões mais fundamentais é o grau em que uma mudança é forçada. No entanto, a distinção entre migração voluntária e involuntária é problemática.

“no sentido mais estrito, a migração pode ser considerada involuntária somente quando uma pessoa é fisicamente transportada de um país e não tem oportunidade de escapar daqueles que o transportam. O movimento sob ameaça, mesmo a ameaça imediata à vida, contém um elemento voluntário, desde que haja uma opção para escapar para outra parte do país, se esconder ou permanecer e esperar para evitar a perseguição” (SPEARE 1974:89).

Na verdade, a tipologia inicial desenvolvida por Peterson (1958) reconheceu o grau de sobreposição entre o movimento voluntário e involuntário e distinguiu uma categoria intermediária. Ele diferenciou entre “migração impulsionada quando os migrantes mantêm algum poder para decidir se devem ou não sair e migração forçada quando eles não têm esse poder” (PETERSON, 1958: 261). Estes, por sua vez, são separados da migração livre em que a vontade dos migrantes é o elemento decisivo para iniciar a mobilidade.

As três fontes de informação usadas para sustentar esta dissertação, o Censo demográfico de 2007, os registros das autoridades governamentais e as entrevistas como veremos a seguir, mostraram que apesar da província de Tete ser palco de investimentos

estrangeiros principalmente na área de extração mineira, a província é dominada pelo setor informal da economia, pois é neste setor que se encontra empregada grande parte da população (tanto nativos como os imigrantes Zimbabwuanos). Por isso é importante aqui definir os conceitos de setor formal e setor informal.

Na literatura sobre mercado de trabalho, são utilizadas várias definições para distinguir o setor formal do informal, não obstante a confusão entre relação de trabalho, atividade setor. Alguma literatura brasileira, por exemplo, associa a informalidade à regulamentação do trabalho. Neste sentido, são considerados como “trabalhador formal os assalariados com carteira assinada e, como informal, os assalariados sem carteira assinada” (MACHADO, et al, 2008). Da mesma forma há uma convergência na literatura brasileira, na ideia de que os trabalhadores do setor informal possuem menor escolaridade que os trabalhadores do setor formal. Por outro lado, o emprego informal assalariado é caracterizado, por maior rotatividade, menor duração e é mais vulnerável às condições de pobreza (RAMALHO & NETO, 2012; SOARES, 2004).

Para o investigador, alemão radicado em Moçambique Liesegang (2007), o setor informal tem uma estrutura de certa maneira paralela ao setor formal e relações diversas com este. Todos os Estados e economias do mundo possuem setores informais, e em cada território político podem existir formas próprias de formalidade. Isso quer dizer que os respectivos setores informais dos territórios políticos e mesmo de regiões tem características próprias. Desta feita entende-se por “setor formal como um conjunto de relações, políticas econômicas e sociais, regidas por leis e regulamentos, entre estado, capital, empresas, trabalhadores e consumidores (clientes) num sistema político” (LIESEGANG, 2007:2).

Por sua vez o setor informal não é regido pelos mesmos regulamentos, como o setor formal. O sector informal da economia é constituído fundamentalmente por pequenas unidades, em grande parte com características de empresas familiares, que produzem bens em pequena escala de forma artesanal, a maioria delas não constando dos ficheiros oficiais de registro de empresas, não pagando impostos. Pode-se dizer que o “sector informal é constituído principalmente (mas não exclusivamente) por empresas, a maioria das vezes, sem forma jurídica, cujo proprietário cria assim um emprego (o seu), sendo um instrumento de sobrevivência” (CGTP-IN, 2011:1).

Para esta dissertação adotamos as duas ultimas definições do setor formal e informal da economia acima pelo fato de estarem muito bem distinguidas, e se encaixam no contexto do nosso estudo de caso. Conforme apontamos a seguir, grande parte os imigrantes zimbabwianos encontra se inserido no setor informal da economia em decorrência da incompatibilidade entre suas qualificações (menor escolaridade) e a ocupação (natureza dos trabalhos exercidos pelas mineradoras) em Tete.

A Migração é um assunto claramente interdisciplinar, pois são inúmeros os estudos sobre o tema em áreas diversas, como demografia, direito, ciências políticas, economia, sociologia, entre outras. E por isso mesmo, é um tema que gera dissenso e uma tremenda dificuldade de se unificar enquanto teoria (MASSEY, 1990).

É importante pontuar que, grande parte das teorias sobre as migrações internacionais foram desenvolvidas para responder a migração sul-norte, como se os movimentos migratórios fossem apenas e exclusivamente unidirecionais, quando a realidade mostra que estes movimentos acontecem também ao nível horizontal, ou seja, dentro das regiões do sul, como é o caso da migração internacional sul-sul no contexto da África subsaariana, em análise neste trabalho. Na verdade, há um viés na literatura sobre migrações internacionais em considerar os movimentos sul (entre países em desenvolvimento) e norte (para países desenvolvidos), relegando se para segundo plano os movimentos sul-sul, que, via de regra, representam a maior parte dos movimentos internacionais, sobretudo os de âmbito regional (HUGO, 1996). A justificativa é de que, a pressão demográfica em continuo aumento nos países do sul e as dificuldades destes em criar condições tendentes a diminuir essa pressão e em criar oportunidades socioeconômicas equitativas tem promovido necessariamente uma migração do Sul para o Norte (CUNHA, 2007). As barreiras de se migrar para os países do Norte, (dada as dificuldades em se ter documentos legais para migrar; os custos da viagem; as dificuldades de arranjar emprego e atingir o estatuto desejado no norte), fazem com que as migrações envolvendo africanos na origem ocorram, principalmente tendo como destino outro país africano. Assim, a metade dos emigrantes africanos vivem em um país do continente e 9 em cada 10 africanos refugiam-se num país fronteiriço ao seu país de origem. (UA, 2006; UNCHR, 2006; GUILLON, 2005). São, portanto, na maioria das situações os outros países africanos que acolhem e sofrem as consequências das pressões migratórias ligadas a varias causas, com destaque para conflitos. Além

disso, as formalidades para entrar em um país são mais fáceis de contornar ou simplesmente ignorar em muitos países do Sul do que no Norte; Os regulamentos e leis migratórias no Sul não são necessariamente refletidos na realidade. Os governos estão sobrecarregados com outras prioridades, o que significa que, com uma capacidade administrativa limitada, os controles de imigração são muitas vezes ignorados. Nos casos em que essa questão é tratada, é geralmente e cada vez mais feita sob o pretexto de preocupações de segurança nacional (GAGNON & KHOUDOUR-CASTÉRAS, 2012).

Buscamos aqui discutir a evolução histórica e contexto da migração em Tete e Moçambique, procurando novas perspectivas sobre a literatura de movimentos migratórios internacionais regionais sul-sul, no âmbito da limitação da literatura que trata da migração sul-norte em fornecer um arcabouço teórico útil para a nossa análise.

A literatura sobre migração internacional e migração e desenvolvimento, está cada vez mais crescente, e a vasta maioria das contribuições têm-se concentrado na migração das partes mais pobres para as mais ricas do mundo, das regiões menos desenvolvidas para as mais desenvolvidas. O equilíbrio está sendo lentamente corrigido por um crescente número de pesquisas sobre a chamada migração "Sul-Sul" (BAKEWELL et al, 2009; GAGNON & KHOUDOUR-CASTÉRAS, 2012). Essa dissertação é um contributo neste sentido. De fato, a migração Sul-Sul supera ligeiramente a migração Sul-Norte. Em 2013, cerca de 82,3 milhões de migrantes internacionais nascidos no hemisfério Sul residiam no Sul, superando ligeiramente o número de migrantes internacionais nascidos no hemisfério Sul que residiam no Norte (81,9 milhões) (ONU, 2013).

É importante deixar claro, o que queremos dizer com termo migração sul-sul, dada a sua complexidade em termos de percepção, por uma série de razões, sobre tudo o problema associado à sua definição. Na verdade falar da migração sul-sul exige uma definição do “Sul” e do “Norte”. Na literatura, o Sul é muitas vezes considerado um sinônimo conveniente para o conjunto de países em desenvolvimento, que tem apenas uma relação limitada com seus locais geográficos. Assim, a migração Sul-Sul é simplesmente migração entre países em desenvolvimento (CASTLES & DELGADO, 2008; RATHA & SHAW, 2007).

Dentro do sistema das Nações Unidas, cinco "regiões em desenvolvimento" são definidas da seguinte forma: África; América fora da América do Norte; Caribe; Ásia, excluindo o Japão; Oceania, excluindo Austrália e Nova Zelândia. De qualquer das formas, vale pontuar que, não há definição universal de categorização, pois existem países que podem ser considerados como desenvolvidos localizados geograficamente no hemisfério sul. Dado que uma parte considerável dos dados sobre a migração Sul-Sul tem sido gerada pela ONU, sua classificação tende a dominar em grande parte da literatura (RATHA & SHAW, 2007).

Vários motivos de dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais desempenharam um papel importante na emigração de Zimbabwuanos para Tete. Houve e há uma relação entre fatores de expulsão (Zimbabwe) e atração (Tete-Moçambique), devido principalmente, à questão laboral após a instalação das empresas mineradoras de carvão mineral a partir de 2007. Neste sentido, a teoria de atração e expulsão (push-pull), pode justificar a intensificação do fluxo migratório dos Zimbabwuanos para Tete. Segundo esta teoria as migrações são estimuladas por uma variedade de fatores de repulsão (desemprego, a pobreza; baixo salário, as violações dos direitos humanos resultantes de problemas políticos e sociais entre outros) existentes no país de origem e estes quando comparados com as vantagens do país de destino (salários elevados, possibilidade de obter melhores condições de vida, um ambiente de paz e tranquilidade) motivariam os indivíduos a decidirem de forma racional pela mobilidade geográfica. Ou seja, o fator de repulsão, expulsa, tira as pessoas para fora da sua área de origem ao contrário dos fatores de atração que na sociedade de destino atuam como uma força de atração para as pessoas (MARQUES 2008).

Um dos fatores fundamentais, na discussão desta dissertação é o incremento da demanda laboral em Tete, por causa das atividades de exploração mineira. Neste sentido, vale apenas trazer aqui uma perspectiva de ordem econômica, neste caso a teoria neoclássica dada a sua ligação com os modelos de repulsão e atração. Essa teoria possui duas versões de abordagem: macroeconômica e a microeconômica.

Na versão macroeconômica, a migração internacional é causada pelas diferenças salariais e as condições de trabalho entre os países com baixos e altos salários. Daí que a direção dos fluxos migratórios é dos países com baixos salários ou com excesso de mão de obra para países com altos salários ou escassez de trabalhadores. Na abordagem

microeconômica a migração internacional é considerada como uma forma de investimento em capital humano, onde indivíduos decidem migrar de forma racional, porque esperam obter um retorno positivo, geralmente monetário desse deslocamento, ao calcular os custos e benefícios (MASSEY et al., 1993)

Sabe se que a teoria de repulsão-atração e a teoria neoclássica de migração são importantes nos estudos de migração internacional, todavia, elas são muitas vezes criticadas por várias razões. Algumas dessas críticas pontuam que tal teoria não é capaz de ordenar os determinantes da migração no espaço e por outro lado não consegue explicar o porquê de um determinado grupo de indivíduos emigram para um determinado país em detrimento de outros. No que diz respeito a teoria neoclássica, esta tem sido criticada por assumir que as pessoas possuem conhecimento do país de destino quando em muitos casos as pessoas possuem apenas informações limitadas por vezes não correspondem a realidade (CASTLES E MILLER, 2009). De qualquer forma, não se pode negar que a imigração zimbabweana em Tete seja um problema de cunho econômico, uma vez que os movimentos migratórios na África austral ocorrem em consequência aos desequilíbrios econômicos entre diferentes países da SADC.

Se o fluxo migratório dos zimbabweanos em Tete já se fazia sentir desde 2000, com a eclosão da crise interna do Zimbabwe, a partir de 2007, o fluxo se acentuou principalmente em termos laborais. Duas razões concorrem para esta intensificação da migração: a instalação de mega projetos de mineração na província e a eclosão de onda de xenofobia da África do Sul. Os mega projetos de mineração fizeram com que o fascínio por Tete se tornasse muito grande, sobretudo pelas facilidades dos transportes e pelas imagens atraentes e convidativas da televisão, sobre uma província que aparentemente oferecia oportunidades de ascensão na vida para todos.

A rede de telecomunicações cada vez mais abrangente, principalmente rádio e televisão que anunciavam Tete como uma alternativa para se melhorar a vida ou ascender socialmente, teve um efeito contrário para África do Sul: de fato, as notícias de uma África do Sul próspera perderam espaço frente à violência xenófoba perpetrada por alguns sul africanos que se sentiram prejudicados com a vinda de trabalhadores de outros países. Em maio de 2008, a polícia sul africana reportou que pelo menos 22 pessoas morreram desde que a violência começou. Por sua vez, a ONG Médicos Sem

Fronteiras, referiu que cerca de seis mil pessoas deixaram suas casas temendo ataques na região de Johannesburg, e dois mil procuraram refúgio em uma delegacia de polícia no centro da cidade (BBC BRASIL, 19 DE MAIO DE 2008).

A migração dos Zimbabwianos para Tete não é explicada unicamente pela Teorias (de atração e expulsão e neoclássica), dado que, quando esta migração começou por volta do ano 2000, não tinham ainda sido instalados os mega projetos de mineração, tidos como fatores de atração em Tete. A explicação da escolha da província de Tete como destino dos imigrantes zimbabwianos antes de 2007, é dada pelas ligações ancestrais e de parentesco e pela proximidade geográfica da região de origem (Zimbabwe) e de destino (Tete). Essa explicação vai de acordo com a constatação de que, a existência de rotas de migração não apenas na forma de redes de transporte, mas também de parentesco e redes sociais, faz com que algumas pessoas possam se mudar para uma área onde eles têm parentes e amigos que podem apoiá-los. A presença de tais redes, sem dúvida, atua como um facilitador de tal movimento, enquanto sua ausência restringiria o movimento. (HUGO, 1996). Duas teorias podem nos ser úteis nesse aspecto; a teoria das redes sociais e a teoria das comunidades transnacionais, por se assumir que a estrutura social e o sistema cultural tanto das regiões de envio e de acolhimento são afetados pela migração e, por conseguinte afetam o migrante.

Refletindo sobre a teoria das redes sociais, Peixoto (2004), pontua que os migrantes não tomam decisões individuais, nem no ato de reflexão inicial, nem no próprio percurso de migrar, nem nas formas de integração no destino. Eles estão inseridos em redes de conterrâneos, familiares ou, inclusivamente, agentes promotores da imigração, que fornecem a informação, as escolhas disponíveis, os apoios à deslocação e à fixação definitiva no destino. Desta feita, as redes sociais servem como pontes que ligam migrantes, antigos migrantes e não migrantes nas sociedades de origem e de destino, através de um conjunto de laços sociais seja eles familiares, parentes, amigos, conhecidos, integrantes das mesmas comunidades ou grupos étnicos (MARQUES, 2008).

Por sua vez, a teoria das comunidades transnacionais, que “podem ser definidas como grupos, baseados em dois ou mais países, envolvidos em atividades transfronteiriças significativas, recorrentes e duradouras, que podem ser de natureza econômica, política, social ou cultural” (CASTLES, 2005:80). Seguindo esta direção, os resultados das

entrevistas feitas aos zimbabwianos em Tete, revelaram que suas ligações transnacionais são cruciais para sustentar a vida social e econômica, tanto dos que emigraram quanto dos que permaneceram no país de origem. Portanto, o efeito das comunidades transnacionais, não só facilitam as pessoas a migrarem mas também facilitam a sua integração no destino. De fato os laços culturais e linguísticos desempenham um papel importante, particularmente para os imigrantes de baixa qualificação. Por exemplo, os imigrantes zimbabwianos que quase na totalidade tem o Shona como seu idioma principal, estão na sua maioria no sul da província de Tete, onde as línguas dos nativos são subgrupos da língua Shona, um idioma que facilita a sua integração. Tal como sublinha Amor, et al (2010), esses laços vão além da linguagem: a religião, a alimentação, os hábitos de trabalho e os costumes familiares ajudam a formar vias de imigração. O que significa que as culturas entre os imigrantes e nativos são relativamente próximas. Os pontos de passagens formais na longa fronteira terrestre que separa Moçambique do Zimbabwe são raros e grande parte da fronteira tem sido cruzada sem controle das autoridades governamentais. Por isso, a legitimidade das fronteiras continua a ser questionável, e evidencia-se que elas significam pouco na vida cotidiana das populações fronteiriças dos dois países.

Existem vários fatores que contribuem para que as populações que habitam em zonas fronteiriças (principalmente em África) tenham maior afinidade cultural com sociedades de um ou mais Estados do que com outros cidadãos do seu próprio país.⁹ “Isso porque, no seu dia a dia, essas populações, atravessam a fronteira internacional para ir cultivar a terra, ir a escola, ir ao mercado, ir ao casamento, funerais, consultar autoridades tradicionais e curandeiros ou ir participar em cerimônias tradicionais de membros do mesmo grupo étnico. E essas deslocções não são entendidas como uma mudança de território cultural ou social dessas populações” (PATRÍCIO, 2011:5).

Enquanto as pessoas podem atravessar as fronteiras sem formalidades, de certa forma altera o relacionamento com o Estado e até mesmo com a própria identidade. Mas, se por um lado a fronteira é “burlada” em nome de uma identidade de pertencimento geográfico comum e pode-se mesmo afirmar que é fácil cruzar a fronteira, isso não significa que é necessariamente fácil, viver fora do país onde se tem cidadania. Apesar da natureza muitas vezes “artificial”, as fronteiras internacionais da África são

⁹ Lembrando que as fronteiras africanas traçadas pelos europeus separaram povos e até famílias, com afinidades culturais, linguísticas, econômicas e políticas em diferentes países.

importantes mecanismos de controle. A criação das fronteiras coloniais marcou e marca até hoje, os territórios para diferentes regimes institucionais, tais como taxas de impostos, políticas sociais, serviço militar, língua de educação e assim por diante. Isso cria hoje, como criou no passado, imediatamente incentivos para cruzar o lado supostamente mais favorável. Para alguns zimbabwianos, que fugiram da violência político partidário, levada cabo pelo regime do então presidente Robert Mugabe, atravessar a fronteira significou estar fora do alcance das perseguições desse gênero. O estabelecimento de uma fronteira internacional introduz um novo conjunto de restrições e oportunidades que se tornam uma parte importante da vida das pessoas à medida que atravessam para evitar a tributação e a violência, obter proteção ou encontrar empregos, mercados, educação e cuidados de saúde (SKELDON, 2006; MILES, 2005). Neste sentido, a migração se torna um problema político, na medida em que condicionantes e restrições são aplicadas as pessoas que pretendem atravessar uma fronteira politicamente reconhecida.

Para o caso de imigrantes zimbabwianos em Tete, as condições políticas no país de origem foram determinantes para a emigração. As decisões de migração são sempre tomadas em um contexto político e, em geral, isso tem um impacto maior na migração Sul-Sul do que o Sul-Norte se levarmos em consideração os volumes desses movimentos migratórios. Na verdade, muitos movimentos em larga escala entre países são associados ao início ou ao fim do conflito. A agitação política, o conflito e outras crises que causam a fuga de pessoas são característicos da migração Sul-Sul, embora eles inevitavelmente desempenhem um papel também estimulando a migração para o Norte (Bakewell, et al., 2009). Como já mencionado, a atual emigração dos zimbabwianos esteve ligada aos problemas econômicos, decorrentes da reforma agrária. No entanto, o problema econômico foi frequentemente acompanhado pela violência política e a deterioração do sistema social no geral.

A emigração tem consequências múltiplas no país de origem, e uma das mais importantes é o fluxo das remessas recebidas. Na verdade, os fluxos de remessas são agora vistos como um fator importante na redução da pobreza, facilitando o investimento das famílias e estimulando o crescimento econômico e, a nível macroeconômico, melhorando a balança de pagamentos dos países beneficiários (BILSBORROW, 2016). Não obstante, a discussão desta matéria em África no geral

está comprometida pela dificuldade de obtenção de dados confiáveis uma vez que as estatísticas são pobres. Além disso, muitas vezes os dados são inexistentes, devido ao uso de canais informais no envio dessas remessas por conta do status irregular duma parte significativa dos imigrantes.

Estimativas recentes mostram que as remessas Sul-Sul podem representar 10 a 29 por cento do montante total de remessas enviadas em todo o mundo. Os migrantes Sul-Sul não só tendem a ganhar menos que os migrantes do Sul-Norte, por isso têm menos que remeter, mas também os custos das remessas Sul-Sul tendem a ser mais elevados (RATHA & SHAW, 2007; apud BAKEWELL et al 2009). Vários estudos sobre as remessas enviadas por migrantes de alguns países da África Austral (Botswana, Lesoto, Moçambique, Suazilândia e Zimbabwe) que se deslocam dentro da região mostrou que a grande maioria dos domicílios de envio de migrantes recebeu remessas, principalmente na forma de dinheiro, de ambos migrantes do sexo masculino e feminino (DODSON, et al., 2008; PENDLETON, et al., 2006; MUNAMOHA, 2010). Uma grande parte dessas remessas são gastos em alimentos e houve poucas evidências de sua investida em atividades geradoras de renda. Se estamos preocupados com o desenvolvimento humano, a redução da pobreza trazida pelas remessas representa uma melhoria muito real no bem-estar das pessoas. Portanto, embora essas remessas possam não ter um valor de desenvolvimento “conforme definido convencionalmente”, elas aumentam os níveis de desenvolvimento humano. Em outras palavras, as remessas são espécie de um salário para sobrevivência e não para grandes investimentos que estimulem o desenvolvimento (BAKEWELL et al., 2009).

A questão de gênero é componente importante na discussão dos resultados desta dissertação, dado que atualmente, a migração atinge cada vez mais a população feminina, não só no continente africano como no resto do mundo. Na verdade, como mostram os resultados do censo de 2007, as mulheres constituem a maioria da população de imigrantes zimbabweanos em Tete. A crise interna do Zimbabwe incentivou a maior mobilidade de vendedoras de sexo, daquele país para as províncias do centro de Moçambique, dentre elas a província de Tete. Além do mercado sexual existe um elevado comércio interfronteiriço direto entre as províncias de Tete e Malawi e Zimbabwe, assim como entre Manica e Zimbabwe. Este tipo de comércio é cada vez mais praticado por mulheres que compram e revendem produtos diversos ao longo das fronteiras internacionais (RAIMUNDO, 2011). Por ou outro lado, Tete tornou se

também um importante mercado de trabalho para as mulheres em serviços domésticos, tal como ficou confirmado no trabalho de campo, onde uma parte considerável das entrevistadas disse que presta serviços domésticos, em restaurantes e casas de particulares principalmente na Vila de Lenha e em Cuchamano.

Na opinião de Bakewell et al (2009), os casamentos sempre desempenharam um papel importante na migração feminina. Os migrantes muitas vezes sustentam vínculos transnacionais, e a migração internacional de casamento está crescendo à medida que os migrantes olham para seu local de origem para encontrar parceiros, que posteriormente migram para se juntarem ao cônjuge.

No continente africano, a feminização dos fluxos migratórios aumentou de 42.3% em 1965 para 47.4% em 2005. O aumento generalizado pode estar a refletir o aumento do acesso da mulher à educação, da maior participação desta nas atividades econômicas fora do agregado familiar, do seu crescente empreendedorismo, assim como do aumento do tráfico de mulheres - embora este seja um fator de difícil quantificação (TOLENTINO, 2009).

O Capítulo 3 versa sobre os métodos usados para o alcance dos objetivos desta dissertação.

3. MÉTODOS

A metodologia de pesquisa considerada adequada para responder aos objetivos e perguntas propostas nessa dissertação é o Estudo de Caso¹⁰. Com efeito, cruzamos o maior numero de fontes possíveis, utilizando tanto o método quantitativo como qualitativo, com vista a se ter uma visão detalhada e ao mesmo tempo generalizada do problema em estudo.

Na pesquisa quantitativa recorreremos aos microdados do Censo moçambicano de 2007, que nos permitiram não só determinar a migração acumulada (*Life Time Migration*) - ou seja, o estoque de migrantes à data do Censo - como também nos permitiram verificar as tendências da migração mais recente (data fixa e data fixa próxima), para além de nos proporcionar um perfil sócio-demográfico dos imigrantes zimbabwuanos que se encontram na província de Tete.

Nos microdados do III Censo Moçambicano de 2007, exploramos todas as perguntas consideradas por este censo para efeitos de migração, nomeadamente: (I) lugar de residência atual; (II) Lugar de nascimento; (III) Lugar de residência um ano antes da data de referencia do censo (1 de agosto de 2006); (IV) lugar de residência cinco anos antes da data de censo (1 de Agosto de 2002). A comparação entre os quesitos I e II permite a mensuração da migração acumulada; entre I e III, de data fixa próxima; e de I e IV, a informação de data fixa. O censo permite ainda explorar as perguntas das principais características sociais e económicas, tais como: nível de escolaridade; condição laboral; estado civil, a fim de termos uma caracterização desses imigrantes.

Ainda que os dados censitários se refiram ao universo, há problemas de enumeração de migrantes em Moçambique. Primeiro, porque como se pode ver nas questões acima, o censo moçambicano não capta informações sobre emigração tanto interna como internacional e os dados dos registos das fronteiras não são disponíveis. Segundo, porque os dados obtidos a partir dos Censos possivelmente não contemplam todos os imigrantes, principalmente os irregulares ou indocumentados, que procuram a todo custo escaparem do controle das autoridades governamentais no destino. Vale pontuar,

¹⁰ Criado por Le Play, partindo do princípio de que qualquer caso que se estude em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou até de todos os casos semelhantes, com a finalidade de obter generalizações. (MARCONI E LAKATOS, 2003; CRESWELL, 2010).

que os nossos resultados são influenciados pela qualidade do próprio recenseamento (nomeadamente erros de cobertura e de registro em qualquer uma das operações censitárias).

Um segundo componente na pesquisa quantitativa envolve o uso de dados dos trabalhadores estrangeiros (zimbabueanos) na província de Tete, registrados neste caso particular, pela Direção Provincial do Trabalho Emprego e Segurança Social. Os dados nos foram fornecidos pela instituição acima referenciada através do Governo provincial de Tete, por via email, dado que no momento em que se fez o pedido presencial na instituição de tutela, a base desses dados não estava organizada.

Os dados obtidos nesta instituição estatal indicam existirem 428 trabalhadores (dos quais 412 homens e 16 mulheres) zimbabueanos (acumulados de 2007 a junho de 2017) na província de Tete distribuídos em 92 empresas e ou instituições, cuja relação nominal das mesmas também nos foi dada. Contudo, julgamos que esses dados são subestimados. Mais uma vez, os imigrantes indocumentados que trabalham em empresas formais em Tete dificilmente seriam contemplados. Por exemplo, na lista da relação das empresas e o respectivo numero de trabalhadores zimbabueanos que nos foi dada pelas autoridades governamentais não aparecem empresas de renome como; a multinacional indiana Jindal (por sinal a terceira maior, exploradora do carvão mineral em Tete, depois da Vale e do Rio Tinto – ICVL); Avalon Limitada (uma empresa vocacionada em vedações, que tem prestado serviços nas varias empresas multinacionais em Tete), só para citar alguns exemplos. É pouco provável que estas grandes empresas não tenham um único trabalhador zimbabueano. O mais provável é que eles existem, mas porque são ilegais não se declaram como zimbabueanos nos respectivos postos de trabalho.

No método qualitativo, baseamo-nos numa pesquisa de campo em Janeiro e Fevereiro de 2017, através de entrevistas semiestruturadas junto aos imigrantes zimbabueanos em quatro (4) áreas seleccionadas na província de Tete, nomeadamente: Cidade de Tete; Vila Mineira de Moatize; Vila de Luenha e a Localidade fronteiriça de Cuchamano – escolhidas por apresentar alta concentração de migrantes/diferentes modalidades/tipologias migratórias na região, mas também devido em parte, à sua proximidade com a Republica do Zimbabwe, país de origem do nosso grupo alvo neste estudo. No trabalho de campo foi usado o método de Estratificação ad hoc – (no sentido de que foi um método adaptado às condições locais) sendo realizadas 40 entrevistas,

cada uma durando em média 45 minutos. Foi usado o método de amostragem não probabilística, por ser o mais adequado para pesquisas cuja população de interesse não é totalmente visível e onde a definição precisa dessa mesma população é problemática.

E todas as perguntas do roteiro semiestruturados estão disponíveis no anexo desta dissertação. As perguntas do questionário das entrevistas, não são susceptíveis a respostas do tipo “sim” ou “não” como, por exemplo: *Fale sobre a origem da sua família. De onde são seus pais e avós? A sua família tem algum histórico de migração para fora do Zimbabwe? Quem são as pessoas que migraram e para onde foram? Quais os motivos que te fizeram sair do seu país? De que maneira Moçambique, e Tete, em particular, surgiram como alternativa? Alguém te auxiliou na sua instalação? Quem? Como?.* Diferente das questões do censo que refletem recomendações internacionais, as questões do roteiro semiestruturado, refletem as condições e necessidades locais específicas do grupo alvo. Na verdade os registros e o censo só recolheram dados básicos sobre os imigrantes e não toda gama de dados necessários para investigar os determinantes ou consequências da migração o que foi possível fazer através das entrevistas semiestruturadas para além de a partir delas ter se recolhido dados retrospectivos necessários sobre a situação dos migrantes.

Analisando de forma descritiva os 40 entrevistados, havia 16 participantes mulheres (40%) e 24 homens (60%). Contendo pessoas entre 19 a 72 anos, a média de idade da população amostral foi de 36, 6 anos e os grupos etários com mais entrevistados foram os de 30 a 39 anos (37,5%) e de 19 a 29 anos (30%). Grande parte dos entrevistados vive com um (a) parceiro (a), estando casados ou vivendo maritalmente (67,5%). Em relação ao setor de trabalho, 13 participantes declararam trabalharem no setor formal (32, 5%) e outros 27 (67,5%) declararam trabalhar no setor informal. Todos os entrevistados, afirmaram que haviam nascido no Zimbabwe (100%). Na pergunta/quesito sobre escolaridade, destaca-se que 6 (15%) entrevistados afirmaram não ter estudado ou não concluíram o ensino primário; 10 (25%) possuem o ensino primário completo; 20 (50%) possuem o ensino secundário completo e por fim 4 (10%) possuem o ensino superior completo.

O método da escolha dos entrevistados foi bola de neve ou cadeia de referência a partir de atores chave. Neste caso, identificou-se um conjunto inicial de entrevistados relevantes e durante as entrevistas, pediu se que eles sugerissem outros sujeitos

potenciais que compartilhasse características semelhantes ou que tivessem relevância de alguma forma para o objeto de estudo.

Uma grande dificuldade enfrentada no trabalho de campo está intrinsecamente relacionada à captura e repatriamento forçado dos imigrantes indocumentados que tem sido levado a cabo ocasionalmente pelas autoridades governamentais de Moçambique. Este ambiente tenso, gerado pelos Serviços de Migração Moçambicana, dificultou, e em alguns casos impossibilitou, o acesso às comunidades ou grupos de imigrantes. O receio de ceder informações vem dos próprios imigrantes, ao desconfiar que qualquer pessoa é um potencial informante ou agente dos Serviços da Migração.

Dada essa dificuldade, a estratégia usada para conseguir conversar com os imigrantes zimbabwianos, foi encontrar um intermediário entre eu (o entrevistador/pesquisador) e cada entrevistado ou grupo de entrevistados. Isto é, o intermediário (a que consideramos como ator chave) tinha que ser uma pessoa conhecida e da convivência dos imigrantes que garantisse a eles que se tratava de um estudante realizando um trabalho acadêmico e que não era agente da migração ou algum indivíduo que pudesse gerar prejuízo ao entrevistado. Mas nem sempre essa estratégia logrou sucessos em todos os grupos de imigrantes; em algumas vezes, não conseguimos nenhuma entrevista. Este foi o caso do grupo das imigrantes zimbabwianas vendedoras de sexo, alojadas no conhecido mercado Kwachena ku Nyalutanda, e os imigrantes que trabalham em áreas diversas desde a venda de roupa entre outros produtos a trabalhadores/as de salões de beleza e cozinheiros/as e ou serventes nos restaurantes do mercado 1º de Maio na cidade de Tete.

Dada a dificuldade dos entrevistados em falar e ouvir a língua portuguesa, grande parte das entrevistas foi feita em língua shona (língua africana falada pela maioria da população do Zimbabwe cujo entrevistador tem domínio dela). A estratégia do uso da língua Shona não só permitiu que os entrevistados tivessem o mesmo entendimento das perguntas como nós, como também permitiu, até certo ponto, que suas intenções declaradas fornecessem um guia mais ou menos preciso para seu comportamento real.

A “abordagem qualitativa” foi necessária, para proporcionar a compreensão da ação social individual e comunitária, da história e das culturas das sociedades de envio, de trânsito e de acolhimento. A pesquisa qualitativa permitiu-nos que as opiniões e vozes

do grupo alvo sejam ouvidas, facilitando se a captação de informações detalhadas que não podem ser captadas pelo Censo, como os motivos e as motivações da imigração por exemplo.

Após a coleta dos dados, através das entrevistas semi-estruturadas junto aos imigrantes Zimbabwianos, eles foram elaborados e classificados de forma sistemática. Atendendo que as entrevistas foram gravadas e na sua grande parte feitas em língua Shona, antes da análise e interpretação, fez-se a transcrição e interpretação (de shona para português), a seleção, codificação e tabulação dos dados.

Apesar de não existir uma comissão de ética para questões de trabalhos de campo de estudos de ciências sociais em Moçambique, antes da coleta dos dados, apresentamos-nos as autoridades governamentais, onde tivemos autorização de fazer o trabalho. A apresentação foi feita através de uma carta de identificação que continha os seguintes elementos: identificação do pesquisador; identificação da instituição de ensino; indicação do propósito de pesquisa, a extensão do tempo, o potencial impacto dos resultados; identificação do nível e do tipo de envolvimento dos participantes e garantia de confidencialidade para os participantes.

A seleção consistiu basicamente em fazer se uma verificação crítica dos dados com o propósito de detectar falhas ou erros que pudessem prejudicar os resultados da pesquisa. Na codificação, categorizou-se os dados que se relacionam e fez-se atribuição de um número, tendo cada um deles um significado. E para possibilitar facilidade na verificação das relações entre os dados fizemos a tabulação. Vele lembrar que a tabulação foi manual, dado o número não muito grande das entrevistas feitas. Posteriormente fez-se a análise e interpretação dos dados. Na análise procurou se mostrar as relações existentes entre a imigração de Zimbabwianos em Tete e outros fatores ou acontecimentos. Na interpretação, procuramos dar um significado mais amplo às respostas, relativamente aos objetivos propostos e ao tema no geral.

Através das entrevistas feitas, recolhemos importantes dados para esta pesquisa. Tais dados podem ser observados, na análise e discussão dos resultados, no capítulo a seguir.

A combinação das três fontes foi a melhor estratégia, por nos trazer múltiplas evidencias (que se complementam) para atender os objetivos propostos nessa dissertação. Uma única fonte não teria a riqueza dos resultados que obtivemos nesta combinação de

fontes. Para Creswell (2010), se os dados qualitativos tem a vantagem de proporcionar uma compreensão detalhes do problema de pesquisa, por outro lado, quando se estuda um fenômeno de forma qualitativa não se aconselha que se façam generalizações a partir deles. Em contraste, os dados quantitativos fornecem uma visão geral do problema de pesquisa, mas também não proporcionam uma compreensão profunda e detalhada de cada caso. Daí que as lacunas deixadas pelos dados quantitativos são cobertas pelos dados qualitativos e vice-versa.

4. RESULTADOS

Os resultados dessa dissertação são baseados nas três fontes de informação discutidas na seção anterior, quais sejam: Censo demográfico moçambicano de 2007; os registros dos trabalhadores estrangeiros, efetuado pela Direção Provincial do Trabalho Emprego e Segurança Social da província Tete, de 2007 a junho de 2017 e por último os resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas em Janeiro e Fevereiro de 2017, junto aos imigrantes Zimbabweanos na província de Tete em Moçambique.

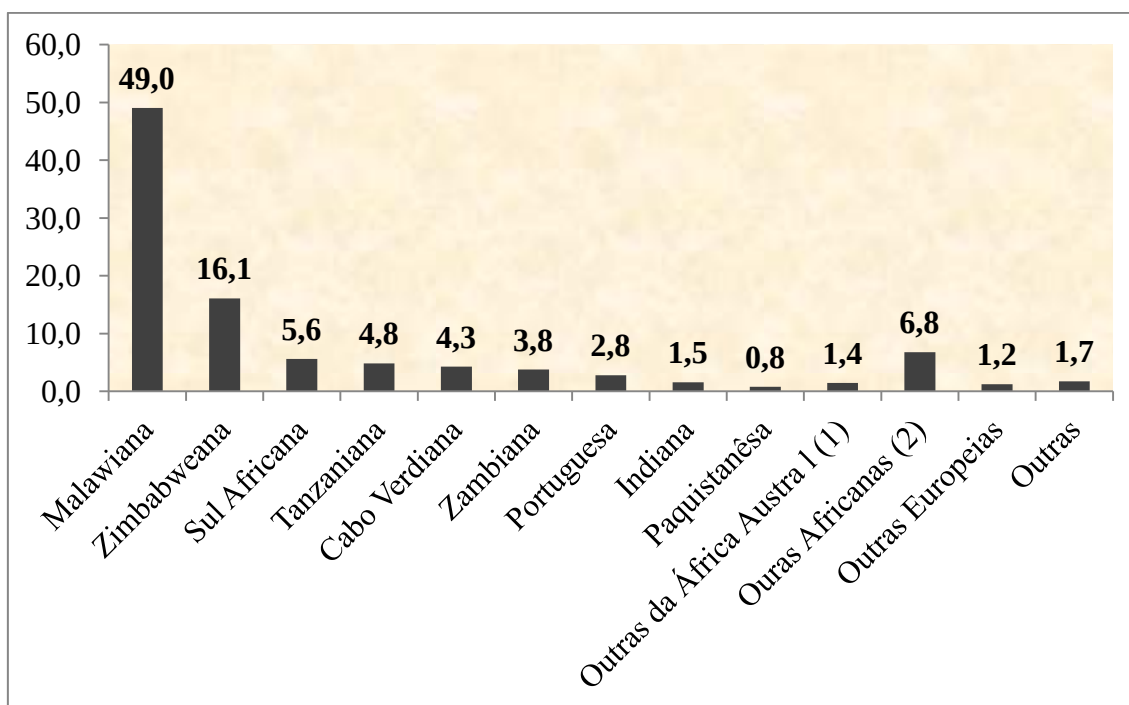
4.1 Censo demográfico de 2007.

Os resultados do Censo de 2007 possibilitam desvendar as principais características econômicas, sociais e demográficas dos imigrantes que se encontram em Tete. No entanto começamos por fazer um quadro geral da migração internacional em Moçambique, para melhor compreensão e contextualização do nosso estudo de caso.

O Censo moçambicano de 2007 observou que dos 20.252.223 habitantes de Moçambique 20.046.317 são de nacionalidade moçambicana; 152.920 são estrangeiros e outros 52.986 de nacionalidades desconhecidas, o que quer dizer que apenas 0.8% da população residente em Moçambique era estrangeira.

O Gráfico 1 mostra a distribuição percentual da população moçambicana por cidadania estrangeira. Grande parte dos estrangeiros é de nacionalidades africanas, sobretudo da África Austral, nomeadamente Malawiana (49.0%), Zimbabweana (16.1%), Sul Africana (5.6%) e Tanzaniana (4.8%). Outras nacionalidades africanas, sem incluir a África Austral representam 6.8% do total de imigrantes.

GRÁFICO 1. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR NACIONALIDADE ESTRANGEIRA: MOÇAMBIQUE, 2007



NOTA: 1) Excluem-se as nacionalidades Malawiana, Zimbabweana, Sul Africana, Tanzaniana e Zambiana. 2) Excluem-se as nacionalidades dos países da África Austral e Cabo Verde.

Fonte: Censo 2007, Instituto Nacional de estatística, INE-Moçambique.

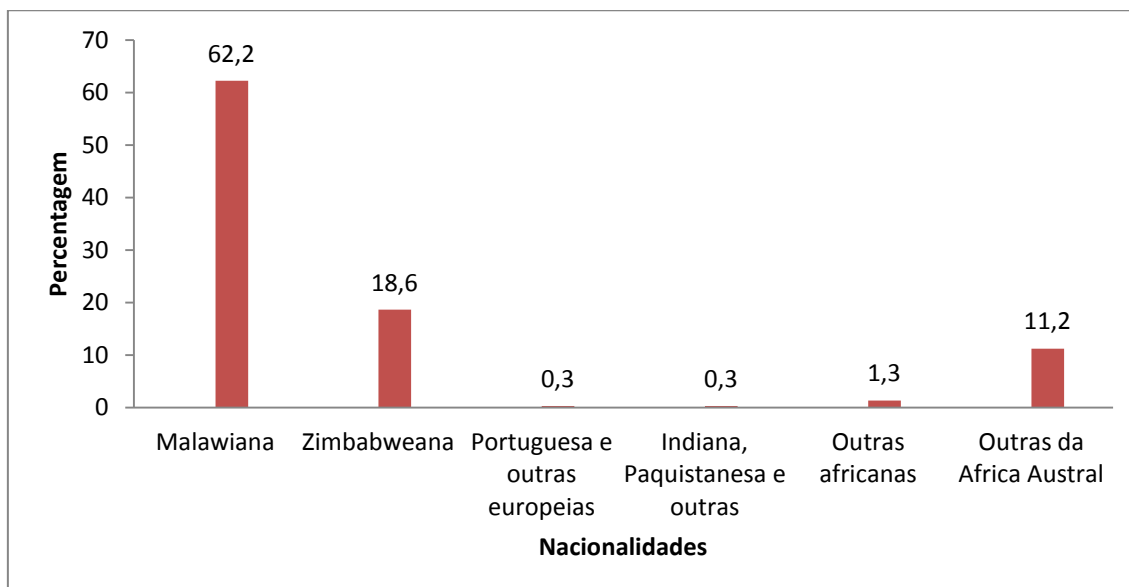
Por outro lado, o Censo observou que a província de Tete apresenta a maior concentração de imigrantes internacionais acumulados - 35%, seguido da província de Niassa (14.8%), província de Zambézia (13,3%) e província de Manica (11.6%), justificando, assim, a importância do nosso estudo de caso como uma região de alta concentração de imigrantes em Moçambique.

Em relação ao nosso caso específico da província de Tete, o Censo moçambicano de 2007, observou que dos 1.783.967 habitantes da província 1.731.714 são de nacionalidade moçambicana; 48,658 são estrangeiros. Ou seja, apenas 3% da população da Província de Tete era estrangeira.

O Gráfico 2, mostra a distribuição percentual da população da Província de Tete por cidadania estrangeira, a qual segue a mesma tendência observada a nível nacional (Gráfico 1). Na província de Tete grande parte dos estrangeiros são originários de países de África Austral e o destaque continua sendo dos de nacionalidade Malawiana (68.2%)

e Zimbabweana (18.6%), e as outras nacionalidades da África Austral que representam 11.2%.

GRÁFICO 2. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO POR NACIONALIDADE ESTRANGEIRA: PROVÍNCIA DE TETE, 2007



Fonte: Censo 2007, Instituto Nacional de estatística, INE-Moçambique.

A tabela 1 apresenta a distribuição percentual da população por sexo e nacionalidade segundo grupos etários na província de Tete. Verificou-se uma diferença na proporção de homens e mulheres, sendo 48.7% dos habitantes do sexo masculino e 51.3% do sexo feminino. Esta proporção para os imigrantes de nacionalidade Malawiana em Tete é de 48,2% imigrantes do sexo masculino e 51,8% imigrantes do sexo feminino, e para os imigrantes de nacionalidade zimbabweana, esta proporção é de 44,8% de imigrantes do sexo masculino e 55,2% de imigrantes do sexo feminino.

De forma geral a tabela 1 mostra um maior número de imigrantes do sexo feminino que imigrantes do sexo masculino na província de Tete nos dois (2) grupos aqui destacados. Isso deve-se pelo fato da intensificação cada vez mais da migração feminina na região austral da África, devido ao comércio por estas desenvolvido principalmente compra e venda de utensílios domésticos e roupas na África do Sul para revender em outros países da região. Por outro lado as mulheres constituem atualmente, uma parte significativa dos trabalhadores migrantes, sendo as principais vítimas dos conflitos que suscitam as migrações e do tráfico de seres humanos – embora este último seja um fator

de difícil quantificação (TOLENTINO, 2009; RAIMUNDO, 2011; MUNAMOHA, 2010.)

A Tabela 1 também evidencia que grande parte dos imigrantes zimbabwianos na província de Tete são pessoas potencialmente ativas, pois cerca de 65,28% destes estão entre as idades de 15 a 59 anos. Por outro lado, os restantes 34,72% são da população potencialmente dependente economicamente (0 a 14 anos e 65 anos e mais) 32,30% e 2,42% respectivamente. Lembrando que a população de 0 a 14 é assumida como efeito indireto da migração, sendo crianças de migrantes nascidas no destino após a migração ou que vieram da origem juntamente com os seus progenitores.

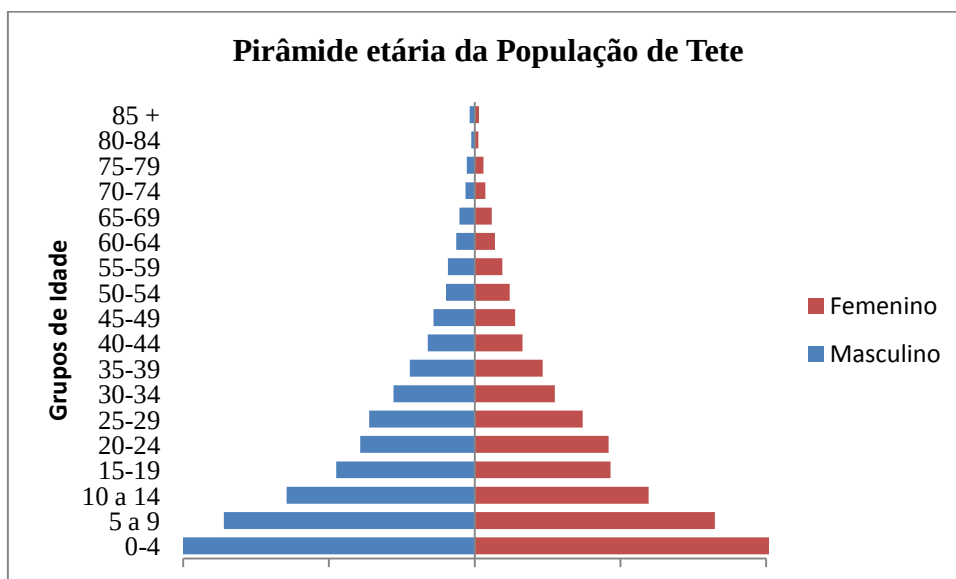
TABELA1. POPULAÇÃO TOTAL (N) E DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL POR IDADE E SEXO SEGUNDO NACIONALIDADE: PROVÍNCIA DE TETE 2007.

	Moçambique			Malawi			Zimbabwe		
Grupos etários	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
N	843428	888286	1731714	16004	17168	33172	4055	5006	9061
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
0-4	21,38	20,65	21,01	6,47	6,35	6,41	7,97	6,53	7,17
5 a 9	17,20	16,49	16,84	10,27	9,51	9,88	12,43	10,29	11,25
10 a 14	12,92	11,94	12,42	13,23	11,52	12,34	15,98	12,19	13,88
15-19	9,49	9,33	9,41	14,76	16,94	15,89	18,64	17,94	18,25
20-24	7,85	9,19	8,53	13,40	18,29	15,93	13,51	18,36	16,19
25-29	7,25	7,42	7,34	10,85	11,58	11,23	8,68	10,67	9,78
30-34	5,57	5,50	5,53	8,11	8,46	8,29	6,83	7,37	7,13
35-39	4,46	4,67	4,57	7,02	6,03	6,65	4,86	5,09	4,99
40-44	3,21	3,29	3,25	4,16	3,44	3,79	2,71	2,80	2,76
45-49	2,82	2,78	2,80	3,41	2,39	2,88	3,18	3,04	3,10
50-54	1,97	2,39	2,19	2,32	2,00	2,16	1,55	2,20	1,91
55-59	1,84	1,90	1,87	2,06	1,16	1,59	1,18	1,16	1,17
60-64	1,26	1,39	1,32	1,44	1,05	1,24	0,84	0,88	0,86
65-69	1,05	1,18	1,11	1,16	0,48	0,81	0,89	0,74	0,81
70-74	0,63	0,74	0,69	0,56	0,33	0,44	0,37	0,28	0,32
75-79	0,54	0,60	0,57	0,40	0,22	0,31	0,15	0,30	0,23
80-84	0,23	0,26	0,24	0,17	0,11	0,14	0,07	0,06	0,07
85 +	0,33	0,29	0,31	0,21	0,13	0,17	0,15	0,12	0,13

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Censo 2007, INE-Moçambique.

Por fim, o Gráfico 3 representa a pirâmide etária da população de Tete, CUJA base larga mostra o caráter jovem da população da província de Tete. De fato, cerca de 50,3% da sua população tem menos de 15 anos.

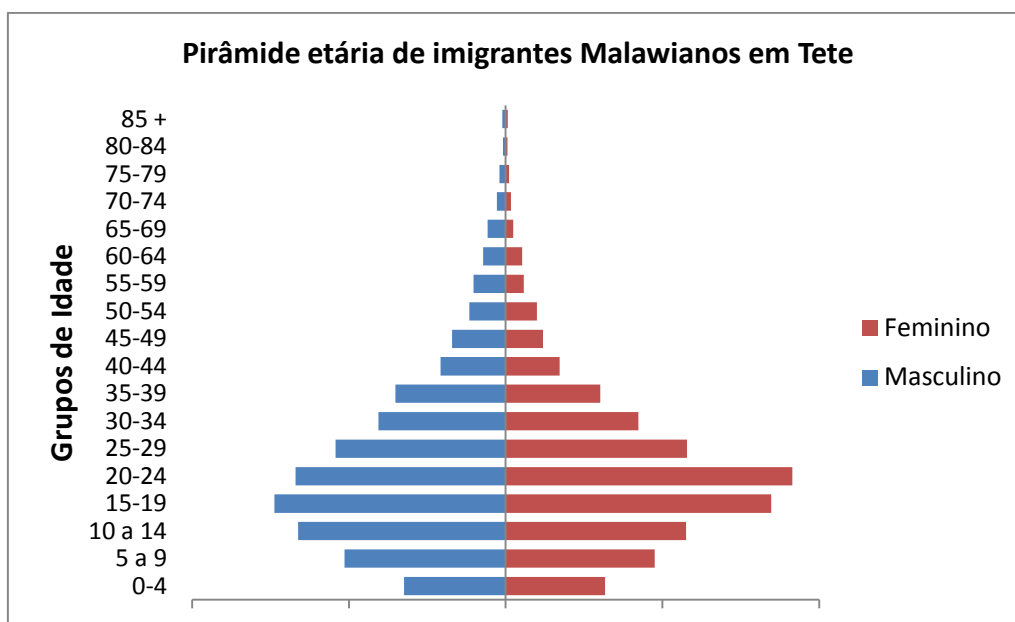
GRÁFICO 3. PIRÂMIDE ETÁRIA DA POPULAÇÃO DA PROVÍNCIA DE TETE, 2007



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Censo 2007, INE-Moçambique.

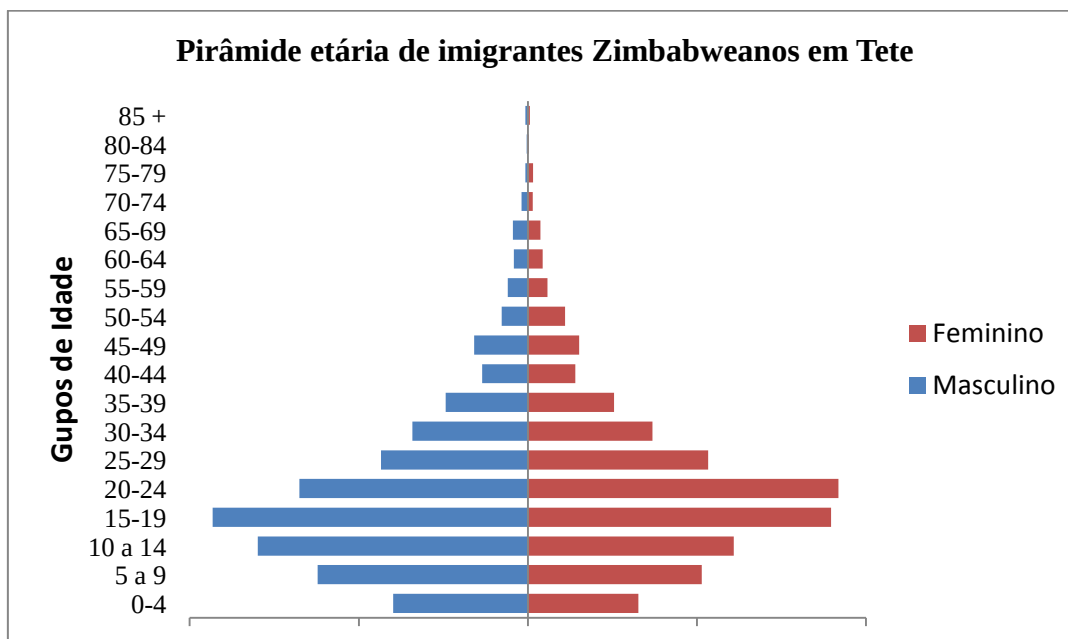
Os gráficos 4 e 5 representam as pirâmides dos imigrantes malawianos e zimbabwianos respectivamente. Nos dois gráficos é fácil perceber que a grande parte dos imigrantes são pessoas jovens em idade ativa, não fugindo desta feita, do padrão de seletividade migratória observado, de forma geral, em outras partes do mundo: as pessoas economicamente ativas são as mais susceptíveis a migrarem que pessoas de idade avançada ou idosas, e pelo fato da idade economicamente ativa coincidir com a idade reprodutiva, esses jovens migrantes levam consigo seus descendentes e dependendo do contexto e da cultura reprodutiva eles podem continuar reproduzir filhos mesmo no local do destino (efeito indireto da migração).

GRÁFICO 4. PIRÂMIDE ETÁRIA DOS IMIGRANTES MALAWIANOS NA PROVÍNCIA DE TETE, 2007



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Censo 2007, INE-Moçambique.

GRÁFICO 5. PIRÂMIDE ETÁRIA DOS IMIGRANTE ZIMBABWEANOS NA PROVÍNCIA DE TETE, 2007



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Censo 2007, INE-Moçambique.

Em termos demográficos, estes dados mostram-nos que a contribuição da migração internacional para o crescimento populacional na província de Tete e em Moçambique no geral pouco significativa, na medida em que o crescimento populacional deve-se principalmente ao crescimento natural, que deriva de níveis ainda elevados de fecundidade num contexto de uma mortalidade cada vez mais em declínio. Moçambique ainda não alcançou a transição demográfica, dado que a Taxa de Fecundidade Total (número médio de filhos que uma mulher tem no final da sua vida reprodutiva 15-49 anos é de cerca de 5,7 filhos, para Moçambique como um todo e 6 filhos para a província Tete, - de acordo com os dados do Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS) levado a cabo pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) de Moçambique em 2010.

Conforme referido anteriormente os resultados do Censo de 2007, dão-nos uma visão geral sobre as características essenciais do nosso grupo alvo, (os imigrantes zimbabwianos em Tete), o qual é comparado a outros dois grupos, a saber: os imigrantes malawianos e os moçambicanos nativos. Escolhemos comparar com os imigrantes malawianos por ser o grupo dos imigrantes mais representativos tanto em Tete, assim como em Moçambique como um todo, como pode se ver nos gráficos 1 e 2. No Censo, para além do tamanho (número) de imigrantes por sexo e grupos quinquenais de idade também exploramos as seguintes questões: O tempo em que esses imigrantes se encontram em Tete, a partir das questões sobre lugar de residência 1 ano antes do Censo e lugar de residência 5 anos antes do Censo. Essas questões dão-nos uma visão sobre imigrantes de última etapa e de data fixa, para as quais serão avaliadas a composição por educação; condição laboral e estado civil.

Os quesitos sobre o lugar de nascimento e lugar de residência atual no Censo permitem estimar a migração acumulada ou de toda a vida, enquanto que as perguntas sobre o lugar de residência um (1) ano antes e (5) anos antes da data do censo, permitem verificar as tendências sobre as migrações mais recentes (migração de data fixa e migração de data fixa próxima). (Muanamoha & Raimundo, 2011). Desta feita, os dados do Censo de 2007 indicam que em 2002 (data fixa) havia 6.283 imigrantes e em 2006 (data fixa próxima) havia 7.905 o que significa que foram acrescidos entre 2002 e 2006 na província de Tete 1.622 habitantes provindos do Zimbabwe ou sobreviventes à mortalidade que não reemigraram. Em relação aos malawianos, os dados indicam que em 2002 havia 24.413 imigrantes e em 2006 havia 29.790, o que quer dizer que foram

acrescidos entre 2002 a 2006 na província de Tete 5.377 habitantes provindos do Malawi ou sobreviventes a mortalidade que não reemigraram. Outra característica que procuramos explorar dos imigrantes é a sua condição laboral. No Censo 2007, a condição laboral foi medida através de uma pergunta na qual a pessoa devia dizer se é trabalhador. De acordo com as recomendações internacionais, esta pergunta deve ser dirigida a população que participa na atividade econômica e que tenha 15 anos de idade e mais. A análise da condição laboral que é apresentada nesta secção seguiu esta recomendação. No entanto, é importante frisar que o boletim do censo foi desenhado para captar também pessoas com idades entre 7 e 14 anos, dada a elevada taxa de participação no processo de trabalho de crianças entre 7 e 14 anos em Moçambique. De qualquer forma a participação laboral deste último grupo não é aqui analisada.

A tabela 2 mostra que a grande parte da força de trabalho na província de Tete está empregada no sector informal¹¹, dado que cerca de 37% da população economicamente ativa declarou ser trabalhador por conta própria sem empregado (25,5%) e trabalhador familiar sem remuneração (11,6%). Por sua vez, o setor formal¹² emprega cerca de 3,7% da população e os restantes 59, 4% estão na categoria do censo, designada sem informação. Estão dentro da categoria sem informação, as pessoas que na semana anterior ao Censo, estavam à procura de emprego pela primeira vez; pessoas que eram somente estudantes; pessoas que estavam aposentadas ou na reserva; pessoas que estavam incapacitadas; pessoas que por alguma razão não responderam esta pergunta e pessoas com menos de 15 anos de idade.

A mesma tendência se verifica para malawianos e zimbabwianos. Para os primeiros há, cerca de 60,2% dos imigrantes no setor informal, 4,9% setor formal e 34,9% na categoria sem informação. Para os imigrantes zimbabwianos, 50,9% estão no setor informal, 3,9% no setor formal e 45,1% na categoria sem informação. Esses dados mostram claramente que o setor informal da economia domina o mercado de trabalho

11 Para esta análise foram agrupados na categoria de trabalhadores informais os trabalhadores por conta própria sem empregados e trabalhador familiar sem remuneração.

12 O setor formal agrupa as seguintes categorias; Trabalhador da Administração Pública; Trabalhador das Autarquias Locais; Trabalhador de Empresa Pública; Trabalhador de Empresa Privada; Trabalhador de Cooperativa; Trabalhador de Instituições Sem fins lucrativos; Trabalhador de Casa Particular; Trabalhador por Conta própria com empregados; Trabalhador de Organismos internacionais/ embaixadas e Trabalhador do Censo.

na província moçambicana de Tete, e essa característica é homogênea tanto para nativos como para os imigrantes.

Quanto ao sexo, em todos os três grupos aqui analisados a participação masculina é superior à feminina no setor formal e esta relação se inverte no setor informal e na categoria sem informação onde a participação feminina é ligeiramente superior a participação masculina.

TABELA 2. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE 15 ANOS OU MAIS POR CONDIÇÃO LABORAL SEGUNDO NACIONALIDADE E SEXO, PROVÍNCIA DE TETE, 2007.

	Moçambicanos			Malawianos			Zimbabweanos		
TRABALHADOR	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
N	843428	888286	1731714	16004	17168	33172	4055	5006	9061
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Trabalhador da Administração Pública	1,32	0,50	0,90	0,09	0,04	0,06	0,25	0,08	0,15
Trabalhador das Autarquias Locais	0,05	0,02	0,04	0,01	0,01	0,01	0,02	0,00	0,01
Trabalhador de Empresa Pública	0,24	0,03	0,01	0,09	0,01	0,05	0,17	0,00	0,08
Trabalhador de Empresas Privada	1,47	0,12	0,78	1,14	0,14	0,62	2,27	0,32	1,19
Trabalhador de Cooperativa	0,02	0,01	0,02	0,03	0,01	0,02	0,00	0,00	0,00
Trabalhador de Instituição Sem fins lucrativos	0,11	0,05	0,08	0,11	0,02	0,06	0,02	0,00	0,01
Trabalhador de Casa Particular	1,23	0,62	0,92	3,51	1,26	2,35	1,87	1,28	1,55
Trabalhador por Conta própria com empregados	0,96	0,48	0,71	1,96	1,47	1,71	1,13	0,66	0,87
Trabalhador por Conta própria sem empregados	26,46	24,56	25,48	44,73	40,06	42,31	31,29	23,05	26,74
Trabalhador Familiar sem remuneração	10,64	12,42	11,55	15,60	19,98	17,87	20,37	27,31	24,20
Trabalhador de Organismos internacionais embaixadas	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,05	0,02	0,03
Trabalhador do Censo	0,08	0,03	0,06	0,01	0,00	0,00	0,05	0,00	0,02
Sem informação	57,38	61,15	59,32	32,72	36,98	34,92	42,49	4,85	45,14

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Censo 2007, INE-Moçambique

Além de desempenhar um fator chave no processo de transição demográfica, a educação é um importante determinante não só da migração (nosso foco nesse trabalho), mas também para a fecundidade, padrões da nupcialidade e da mortalidade. Ou seja, existe uma estreita ligação entre as características educacionais da população e da dinâmica demográfica.

A Tabela 3 mostra a distribuição percentual da população por nível educacional concluído segundo nacionalidade e sexo. Cabe notar que os dados revelam que existe certa homogeneidade dos três grupos aqui analisados (moçambicanos, imigrantes malawianos e zimbabwianos) relativamente ao nível educacional atingido, na medida em que, há nos três grupos o predomínio da proporção da população sem nenhum nível educacional concluído 58,4% moçambicanos, 53,2 malawianos e 35,6% zimbabwianos. Segue a proporção da população que apenas concluiu o ensino primário do primeiro grau: 27,5%, 32,5% e 33%, para - moçambicanos, malawianos e zimbabwianos respectivamente. Outro aspecto é que o grupo dos imigrantes zimbabwianos está em média com níveis educacionais mais elevados que os nativos e os imigrantes malawianos.

Enquadram-se no grupo daqueles sem nível educacional concluído os que nunca frequentaram a escola e os que, estando ou tendo estado a frequentar, não concluíram o primeiro nível do sistema nacional de educação ou a alfabetização.

TABELA 3. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE 5 ANOS OU MAIS POR NÍVEL DE ENSINO MAIS ELEVADO QUE FREQUENTOU, SEGUNDO NACIONALIDADE E SEXO. PROVÍNCIA DE TETE, 2007.

NÍVEL DE ESCOLARIDADE MAIS ELEVADO QUE FREQUENTOU	Moçambicanos			Malawianos			Zimbabweanos		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
N	843428	888286	1731714	16004	17168	33172	4055	5006	9061
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Alfabetização	1,00	1,15	1,08	1,29	1,51	1,40	1,09	1,80	1,48
Ensino Primário do 1º grau	30,47	24,59	27,45	35,76	29,51	32,52	35,36	31,08	33,00
Ensino primário do 2º grau	9,76	5,23	7,44	10,72	6,51	8,54	17,71	16,28	16,92
Ensino Secundário Geral do 1º ciclo	4,86	2,43	3,61	4,32	2,22	3,23	12,77	8,47	10,40
Ensino Secundário Geral do 2º ciclo	0,15	0,07	0,10	1,54	0,50	1,00	2,24	2,06	2,14
Ensino Técnico Elementar	0,05	0,02	0,03	0,01	0,01	0,01	0,07	0,02	0,04
Ensino Técnico Básico	0,20	0,07	0,00	0,02	0,01	0,01	0,20	0,04	0,11
Ensino Técnico Médio	0,17	0,06	0,11	0,02	0,00	0,01	0,15	0,12	0,13
Curso de Formação de Superior	0,17	0,11	0,14	0,00	0,01	0,01	0,00	0,02	0,01
Sem nenhum nível educacional	0,01	0,04	0,02	0,04	0,00	0,02	0,30	0,06	0,17
	51,75	65,66	58,44	46,27	59,73	53,23	30,11	40,05	35,60

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Censo 2007, INE-Moçambique.

Uma das características sócio-demográficas fundamentais das pessoas é o estado civil ou conjugal¹³. A Tabela 4 mostra os dados sobre a distribuição percentual da população de 12 anos e mais na Província de Tete, por sexo e nacionalidade, segundo estado civil. Ainda que, os dados desta tabela sejam de alguma forma autoexplicativos, importa sublinhar que a proporção das pessoas que estão em união marital constitui a maioria em todos os três grupos aqui analisados seguindo a dos solteiros.

Apesar do número de imigrantes de sexo feminino ser maior que o número de homens, a proporção das mulheres casadas e em união marital é muito maior que a proporção dos homens nas mesmas categorias. Em contraste a proporção de imigrantes de sexo masculino solteiros é muito maior que a de imigrantes do sexo feminino. Isso sugere que grande parte das mulheres migra acompanhada dos seus parceiros, ou estabelece uma união matrimonial após a imigração, ao contrario dos homens que muitas vezes tem a liberdade de migrar sem as suas respectivas parceiras. Neste sentido o estado civil, está influenciando a seletividade migratória tanto dos zimbabweanos como dos malawianos em Tete. Como sublinha Bakewell (2009), os migrantes muitas vezes sustentam vínculos transnacionais, e a migração internacional de casamento está crescendo à medida que os migrantes olham para seu local de origem para encontrar parceiros, que posteriormente migram para se juntarem ao cônjuge. Por sua vez Tolentino (2009), entende que, O aumento generalizado da feminização dos fluxos migratórios é reflexo do aumento do acesso da mulher à educação, da maior participação desta nas atividades econômicas fora do agregado familiar, do seu crescente empreendedorismo, assim como do aumento do tráfico de mulheres - embora este seja um fator que não se pode quantificar facilmente dada a natureza criminal desta pratica.

13 A composição da população segundo esta variável é o resultado de três eventos vitais: a União; a dissolução da união e a viuvez. O primeiro evento é a união “permanente” de duas pessoas de sexo oposto (a união de pessoas do mesmo sexo ainda não foi legalizada em Moçambique) com o propósito de constituir uma família. Quando a união tem um caráter legal designa-se por casamento ou matrimónio e quando a união é de fato, por união marital, ou seja matrimónio tradicional. O segundo evento é a dissolução da união por decisão de um dos cônjuges ou de ambos. Quando a dissolução é legal designa-se por divórcio e quando é de fato, por separação o terceiro evento é o óbito de um dos cônjuges. O cônjuge sobrevivente é o viúvo ou a viúva.

TABELA 4: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DE 12 ANOS OU MAIS POR POR ESTADO CIVIL, SEGUNDO NACIONALIDADE E SEXO. PROVÍNCIA DE TETE, 2007.

ESTADO CIVIL	Moçambicanos			Malawianos			Zimbabweanos		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
N	843428	888286	1731714	16004	17168	33172	4055	5006	9061
Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Solteiro (a)	21,21	14,00	17,51	28,59	16,28	22,22	37,14	18,62	26,91
Casado (a)	9,47	9,23	0,93	16,63	18,48	17,59	4,66	5,39	5,07
União Marital	23,50	26,23	24,90	31,14	40,26	35,86	30,31	47,58	39,85
Divorciado/Separado	0,69	2,99	1,87	1,15	2,56	1,88	0,76	3,26	2,14
Viúvo (a)	0,58	4,83	2,76	0,58	2,01	1,32	0,49	3,20	1,99
Sem informação	44,55	42,73	43,62	21,92	20,40	21,14	26,63	21,95	24,05

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de Censo 2007, INE-Moçambique.

4.2 Análise dos registros dos trabalhadores (zimbabweanos) na província de Tete.

A Direção Provincial do Trabalho, Emprego e Segurança Social é a instituição responsável pelos registros dos trabalhadores estrangeiros a nível provincial. O uso dos dados desta instituição é importante, pois, dão-nos o número dos trabalhadores formais estrangeiros e as respectivas empresas onde estes estão empregados. Já os trabalhadores informais que são por razões várias a grande maioria não são registrados por esta instituição estatal. Esses dados nos permitirão fazer uma avaliação das tendências da entrada de profissionais (zimbabweanos) qualificados na província de Tete uma vez que os não qualificados dificilmente conseguem um emprego formal.

Os dados obtidos na referida instituição indicam existir, entre os anos de 2007 até junho de 2017, na província de Tete, um total de 428 trabalhadores zimbabweanos dos quais 412 homens e 16 mulheres, acumulados de 2007 a junho de 2017, na província de Tete distribuídos em 92 empresas e ou instituições, cuja relação nominal das mesmas também nos foi dada. Tal como referimos anteriormente na sessão dos métodos, julgamos que esses dados são subestimados. Na verdade, os indocumentados que trabalham em empresas informais em Tete não foram contabilizados nas estatísticas governamentais.

Na lista da relação das empresas e o respectivo número de trabalhadores zimbabweanos que nos foi dada pelas autoridades governamentais não aparecem empresas de renome como; a multinacional indiana Jindal, (por sinal a terceira maior, exploradora do carvão mineral em Tete, depois da Vale e do Rio Tinto –ICVL); Avalon Limitada (uma empresa vocacionada em vedações, que tem prestado serviços nas varias empresas multinacionais em Tete), só para citar alguns exemplos (vide, tabela 5). É provável que essas empresas, tenham alguns trabalhadores zimbabweanos, mas porque eles são indocumentados não se declararam como zimbabweanos nos respectivos postos de trabalho.

De toda forma, os dados mostram claramente que a mão-de-obra zimbabweana nas empresas de vários setores em Tete com destaque para mineradoras é composta majoritariamente por homens 96,30% sendo apenas 3.70% das mulheres. Se o mercado de trabalho nas empresas mineradoras é excludente para os que não têm qualificações académicas e experiência específica nesta área de trabalho, ele (o mercado de trabalho)

é muito mais rígido para as mulheres que na sua maioria têm nível de escolaridade mais baixo que os homens, como vimos nos resultados do censo. Por outro lado, a própria natureza dos trabalhos nas minas exige habilidades físicas, que para muitos empregadores as mulheres supostamente não possuem. Num contexto em que a desigualdade de gênero ainda é uma realidade, e onde na cultura local as mulheres são relegadas aos trabalhos domésticos. Portanto vários fatores concorrem para essa diferença abismal entre o número de trabalhadores formais zimbabwianos do sexo masculino e do sexo feminino, como explicado acima.

A tabela 5 mostra a relação do número dos trabalhadores Zimbabwianos e as respectivas empresas ou instituições de trabalho.

TABELA 5: TRABALHADORES ZIMBABWEANOS FORMAIS POR SEXO E TIPO DE EMPRESA NA PROVÍNCIA DE TETE, 2007 A JUNHO DE 2017.

Empresas Mineradoras e Subcontratadas	Homens		Mulheres		Total	
	Número	%	Número	%	Número	%
Vale Moçambique, AS	18	4,37%	4	25%	22	5,14%
Rio Tinto - ICVL	10	2,43%	0	0	10	2,34%
Barloworld Equipamentos	54	13,11%	0	0	54	12,62%
WBHO-Projects Mozambique Lda	31	7,52%	0	0	31	7,24%
Eqstra Moçambique Lda	39	9,47%	0	0	39	9,11%
Aveng Moçambique Lda	17	4,12%	0	0	17	3,97%
Kentz Engineering Constructors, Lda	35	8,50%	0	0	35	8,18%
Outras mineradoras e subcontratadas	91	22,09%	5	31,25%	96	22,43%
Empresas de outros setores; Agricultura; Pesca; hotelaria e comércio						
Mozambique Leaf Tobacco, Lda	33	8,01%	2	12,50%	35	8,18%
Berry Juice, Lda	14	3,40%	0	0	14	3,27%
Sylviana, Lda	2	0,49%	1	6,25%	3	0,70%
Servco Moçambique, Lda	1	0,24%	1	6,25%	2	0,47%
outras empresas dos outros setores	83	20,15%	3	18,75%	86	20,09%
Total de todas as Empresas	428	100%				
Homens	412	96,30%				
Mulheres	16	3,70%				

Fonte: Direção Provincial do Trabalho, Emprego e Segurança Social, Tete

4.1 Entrevistas com imigrantes Zimbabwianos em Tete.

Na tabela 6 mostramos o perfil dos 40 imigrantes zimbabwianos entrevistados em Tete, nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2017.

TABELA 6: PERFIL DOS IMIGRANTES ZIMBABWEANOS ENTREVISTADOS

Perfil dos Entrevistados		
Variáveis	Frequência	%
Sexo		
Masculino	24	60
Feminino	16	40
Grupos etários		
19-29	12	30
30-39	15	37,5
40-49	9	22,5
50-59	1	2,5
60 +	3	7,5
Estado civil		
Solteiro	6	15
Casado	27	67,5
Viúvo	4	10
Divorciados	3	7,5
Tipo de Emprego		
Formal	13	32,5
Informal	27	67,5
Escolaridade		
Sem escolaridade/ ensino primário incompleto	6	15
Ensino primário completo	10	25
Ensino secundário completo	20	50
Ensino Superior completo	4	10

Fonte: Dados de Pesquisa de campo (Janeiro e Fevereiro) 2017

Analisando de forma descritiva os 40 entrevistados, havia 16 participantes mulheres (40%) e 24 homens (60%). Contendo pessoas entre 19 a 72 anos, a média de idade da população amostral foi de 36, 6 anos e os grupos etários com mais entrevistados foram os de 30 a 39 anos (37,5%) e de 19 a 29 anos (30%). Grande parte dos entrevistados vive com um (a) parceiro (a), estando casados ou vivendo maritalmente (67,5%). Em relação ao setor de trabalho, 13 participantes declararam trabalharem no setor formal (32,5%) e outros 27 (67,5%) declararam trabalhar no setor informal. Todos os entrevistados, afirmaram que havia nascido no Zimbabwe (100%).

Na pergunta/quesito sobre escolaridade, destaca-se que 6 (15%) entrevistados afirmaram não ter estudado ou não concluíram o ensino primário; 10 (25%) possuem o

ensino primário completo; 20 (50%) possuem o ensino secundário completo e por fim 4 (10%) possuem o ensino superior completo.

Os dados do Censo de 2007 e dos registros dos imigrantes zimbabwianos fornecidos pela Direção Provincial do Trabalho, Emprego e Segurança Social da província de Tete, dão-nos uma caracterização básica das condições sócio-demográficas, econômicas, e laborais desse grupo no período em análise. Todavia, para completar este cenário e enquadrar a realidade do dia a dia do nosso grupo alvo, nessa seção trouxemos a opinião dos próprios imigrantes zimbabwianos, enquanto resultado das entrevistas feitas a eles em Janeiro e Fevereiro de 2017 na província de Tete.

O objetivo das entrevistas foi essencialmente avaliar o comportamento dos imigrantes em vários aspectos, dentre eles: os motivos que lhes levaram a sair do seu país; o motivo da escolha da província de Tete em Moçambique como destino; a sua condição laboral na origem e no destino; questões essas, que o Censo e os registros da direção de trabalho em Tete não tinham como captar.

A Tabela 7 a baixo traz as características gerais dos imigrantes zimbabwianos entrevistados em Tete.

TABELA 7. CARACTERISTICAS GERAIS DOS IMIGRANTES ENTREVISTADOS EM TETE.

Questões centrais do roteiro de entrevistas	Total		Homens		Mulheres	
	Numero	%	Numero	%	Numero	%
Setor de trabalho na origem (Zimbabwe)						
Setor Formal	28	70%	20	83,30%	8	50%
Setor Informal	12	30%	4	16,70%	8	50%
Setor de trabalho no destino (Moçambique)						
Setor Formal	13	32,50%	12	50%	1	6,25%
Setor Informal	27	67,5	12	50%	14	93,75%
Motivos de Migração						
Econômicos	18	45%	12	50%	6	38%
Políticos	20	50%	10	42%	10	63%
Espirituais	2	5%	2	8%	0	0%
Porque a escolha de Tete como destino						
Ligações Ancestrais e de parentesco	22	55%	12	50%	10	63%
Proximidade geográfica	4	10%	3	13%	1	6,25%
Oportunidade de emprego (mega projetos)	2	5%	1	4,17	1	6,25%
Todas as três opções	12	30%	8	33,33%	4	25%
Se sofreu algum tipo de preconceito étnico/tribal ou xenofobia						
Não sofreu nenhuma violência ou preconceito	28	70%	18	75%	10	62,50%
Sofreu violência verbal	12	30%	6	25%	6	37,50%
Envio de ajuda financeira na origem (Zimbabwe)						
Envia ajuda financeira	20	50%	14	58,33%	6	37,50%
Não envia ajuda financeira	20	50%	10	41,67	10	62,50%
Se pretende retornar ao Zimbabwe						
Não pretende retornar	28	70%	17	70,83%	11	68,75%
Pretende retornar se as coisas melhorarem no Zimbabwe	12	30%	7	29,17%	5	31,25%

Fonte: Dados de Pesquisa de campo (Janeiro e Fevereiro) 2017

Um dos resultados mais interessantes das nossas entrevistas refere-se à forma como os nossos inquiridos fizeram o ranking dos problemas mais importantes que motivaram a decisão de migrar. Como pode ser visto na tabela 7, dois tipos de problemas (de caráter econômico¹⁴ e político¹⁵) aparecem de forma parecida, em termos de importância como causas para deixar o país, para 95% dos entrevistados.

De fato, os entrevistados comentaram que a polêmica reforma da terra levada a cabo pelo governo de Roberto Mugabe a partir do ano 2000 que expulsou milhares de fazendeiros brancos do país, mergulhou o Zimbabwe numa crise interna sem precedentes que dura até hoje. Milhares de trabalhadores ficaram sem emprego quando as fazendas deixaram de produzir, pois estima-se que os fazendeiros brancos então expulsos empregavam cerca de 90% da população (BRANCO, 2008).

Outras fontes-chaves de rendimento no Zimbabwe, como a indústria mineira do ouro e do turismo também se ressentiram fortemente, piorando ainda mais a já precária situação do desemprego. Além disso, a falta de divisas, devido à repentina diminuição das exportações agrícolas - implicou a escassez de meios para fazer face à carência alimentar e o pagamento da energia comprada na África do Sul e em Moçambique. Houve ainda, falha de serviços essenciais como o fornecimento da água nas principais cidades e o não funcionamento do sistema de saúde devido à falta de medicamentos e de pessoal qualificado nos hospitais. A inflação do país foi considerada a mais alta do mundo em julho de 2008 quando atingiu os 2.200.000%, e esses problemas todos obrigaram milhares de zimbabwianos a abandonarem o país, indo na sua maioria para a vizinha África do Sul (BRANCO, 2008). Alguns discursos dos nossos entrevistados reforçam a importância desses fatores macrocontextuais de expulsão populacional no Zimbabwe.

(...) No Zimbabwe eu tinha privação de muitas coisas, como a falta de emprego e dinheiro, a inflação e desvalorização da moeda nacional atingiram níveis inaceitáveis, porque nós trabalhávamos e no fim do mês tínhamos salário, porém o nosso salário já não dava para comprar nada. Um pão chegava a custar cerca de 2 milhões....realmente nosso dinheiro virou lixo você podia ver notas espalhadas na rua e não apanhar porque não compravam nada. (5: sexo masculino, 36 anos de idade; 2009 ano de chegada).

14 Foram incluídos a opinião de pessoas que fizeram menção apenas aos problemas econômicos, (escassez de alimentos; o desemprego; a hiperinflação com crescimento negativo; a contração da produção industrial e agrícola).

15 No grupo problemas de caráter político, incluímos pessoas que fizeram menção aos problemas políticos (perseguições, violência física; destruição das residências e até mesmo morte por motivações político-partidárias aos membros e ou suspeito de serem membros dos partidos da oposição).

(...) Eu saí do Zimbabwe por causa de dificuldade econômicas. De um tempo para cá as empresas, as minas fecharam no Zimbabwe, e há agora falta de emprego e muitos jovens tal como eu, estão a sair do Zimbabwe para outros países porque a situação econômica não está boa. (1: sexo masculino, 32 anos de idade; 2006 ano de chegada).

(...) Sou formado pela universidade em marketing, e ganhava bom salário no Zimbabwe, mas quando a inflação veio estragou tudo. Tínhamos dinheiro, mas o nosso dinheiro não tinha valor, você podia ter maços e maços de dinheiro, mas não conseguia comprar as coisas mais básicas para sobreviver; os preços dos produtos alimentícios e outros aumentavam a cada dia, e nos simplesmente não aguentamos e foi mesmo por essa razão que decidi mudar-me para Moçambique. (13: sexo masculino, 41 anos de idade; 2005 ano de chegada).

Por outro lado os problemas criados pela crise da reforma agrária agravada pelas sanções econômicas impostas a este país pelo Reino Unido e pelo bloco dos países ocidentais, fez com que a maioria da população olhasse para o partido da oposição então recém criado, como uma alternativa. Prova disso foi o número cada vez mais crescente dos votantes da oposição, nos vários pleitos eleitorais manchados por irregularidades diversas, e a consequente perseguição dos simpatizantes da oposição pelo governo como aconteceu em março de 2007 quando centenas de membros da oposição e da sociedade civil foram presos incluindo o próprio presidente do maior partido da oposição no Zimbabwe, Moviment For Democratic Chang (MDC), Morgan Tsvangirai.

Mesmo assim, o partido da oposição chegou a ganhar as eleições Legislativas de 2008, e a primeiro turno das eleições presidências, onde Morgan Tsvangirai obteve 47,8% contra 43,3% de Roberto Mugabe. Todavia, foi marcada uma segunda volta para as eleições presidenciais, pois nenhum dos candidatos tinha atingido os 50% de eleitores como previsto na lei, zimbabweana. Prevendo a vitória de Tsvangirai na segunda volta das presidências, o governo de Robert Mugabe, incrementou ainda mais as suas táticas de coerção e persuasão, de estilo militar, tendo acionado a chamada “Operação Makavhoterapapi¹⁶”, em que fez-se uso de sequestros, espancamentos e destruição de propriedades privadas como forma de obrigar eventuais eleitores de Tsvangirai a não votarem no candidato. A “Operação Makavhoterapapi” ocasionou a morte de cerca de cem pessoas, além de deixar três mil feridas e originar um número não estimado de deslocados internos e de refugiados (H.R.W, 2008; BRANCO, 2008; ZAGO, 2009).

16 Outros tipos de operações do gênero foram acionadas, para o setor privado e a economia; a reforma agrária; o comércio informal ou habitação; (a “Operação Murambatsvina”; “Operação Dzikisa Mitengo” ou a “Operação Taguta”.

Na narrativa de diversos entrevistados nota-se indícios que caracterizam exatamente, esta violência político-partidário levada a cabo pelo governo para intimidar a população a não votar na oposição, como por exemplo:

(...) O problema político principalmente a violência eleitoral, foi determinante para eu sair imediatamente do Zimbabwe. A minha casa e todos meus bens foram queimados por questões políticas, fui acusado de ser da oposição, e para escapar a morte tive que fugir dessa perseguição. (8: sexo masculino, 42 anos de idade; 2008 ano de chegada)

(...) Primeiro o dinheiro é que começou a não ser fácil de apanhar para sustentar a família. Mas eu particularmente tomei a decisão de sair do Zimbabwe devido à violência eleitoral. Em tempos de campanha eleitoral, havia sempre agressões uns contra os outros com acusações de ser deste ou daquele partido. Todos agrediam a todos já não sabíamos quem estava a proteger o povo ou quem estava contra ele. Havia lutas em todos os lados e às vezes éramos obrigados a dormir no mato como se fosse tempo de guerra. Não estávamos em paz lá por isso decidi mesmo sair com a minha esposa, porque nosso povoado fica bem perto daqui do outro lado da fronteira. (24: sexo masculino, 66 anos de idade; 2008 ano de chegada).

(...) No Zimbabwe havia problemas políticos, que não nos deixavam livres, mas também havia privações de muitas outras coisas, como falta de combustíveis e peças de carro no país todo, como eu era taxista, sentia essa falta. (11: sexo masculino, 40 anos de idade; 2008 ano de chegada).

Outro dado qualitativo que pode ser analisado a partir das entrevistas se refere a escolha da província moçambicana de Tete como destino desses imigrantes. É comum ouvir nos canais de informações como televisão, rádio, jornais e até mesmo em alguns artigos científicos que foram os mega projetos de mineração recentemente instalados em Tete que atraíram a entrada massiva dos zimbabweanos. Como demonstrado, a migração dos Zimbabweanos já se fazia sentir antes da instalação dos mega projetos, na medida em que ela foi impulsionada pela crise interna do Zimbabwe que começou no ano 2000. Por isso, antes de 2007 (período de instalação dos mega projetos), a explicação encontra-se mais pelas afinidades sociais e culturais e pela proximidade geográfica da região de origem (Zimbabwe) e destino (Tete). No decorrer da pesquisa, 65% dos nossos entrevistados afirmaram, ter escolhido Tete como destino por conta das ligações ancestrais e de parentesco e pela proximidade geográfica. Grande parte dos nossos entrevistados relatou esta situação, como pode se ver no trecho a seguir:

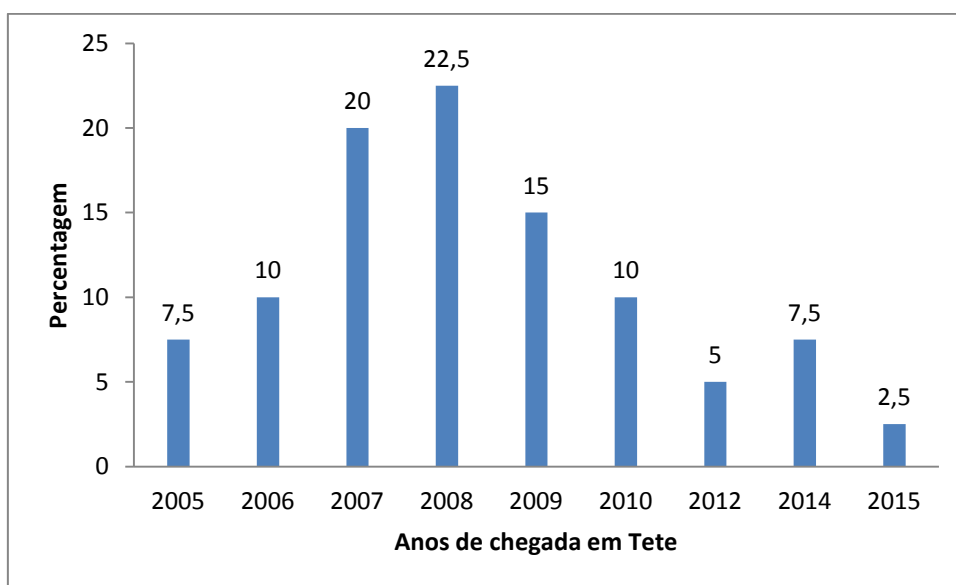
(...) Quando as coisas ficaram difíceis no Zimbabwe, eu apenas atravessei a fronteira, para este lado de Moçambique, porque a minha localidade onde nasci e vivia lá no Zimbabwe é bem próximo, olha que, tanto o lado moçambicano como o lado zimbabweano aqui na fronteira pertence a mesma etnia e o mesmo regulado. Essa terra é dos Malembe, é da etnia Malembe e de tempo em tempo mesmo antes de me mudar em definitivo para aqui, nós já cruzávamos a fronteira para cerimônias várias, como Bona, falecimentos, Kamutimuti. (34: sexo masculino, 38 anos de idade; 2005 ano de chegada).

(...) Meu pai morreu e antes dele morrer sempre dizia que nossa terra é Moçambique aqui na província de Tete, e quando começamos a passar necessidades de falta de dinheiro, nossa mãe disse que era melhor a gente voltar a nossa terra e assim o fizemos. (18: sexo masculino, 35 anos de idade; 2006 ano de chegada).

(...) Eu nasci no Zimbabwe, porém os meus pais são daqui de Moçambique saíram daqui fugindo a guerra a muito tempo. Por isso que eu e alguns meus irmão viemos aqui ao encontro da família dos meus pais, uma vez que tanto meu pai como minha mãe faleceu no Zimbabwe antes da gente se mudar para cá. Mas conseguimos encontrar a família. (21: sexo feminino, 32 de idade; 2010 ano de chegada)

O gráfico 6, mostra a distribuição percentual dos imigrantes zimbabwianos entrevistados por ano de chegada, para ajudar a clarificar a escala temporal da imigração zimbabweana em Tete.

GRÁFICO 6. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS ZIMBABWEANOS ENTREVISTADOS POR ANO DE CHEGADA EM TETE.



Fonte: Dados de Pesquisa de campo (Janeiro e Fevereiro) 2017

Admitimos que com a implantação das multinacionais a partir de 2007 quando a brasileira Vale começou a explorar o carvão e com a chegada de tantas outras empresas mais tarde, o fluxo migratório dos zimbabwianos tenha se intensificado e ao mesmo tempo tenha começado um novo fluxo de imigrantes de outras províncias moçambicanas e estrangeiros de países diversos. Alguns poucos entrevistados falaram

de oportunidade de emprego em Tete, fazendo referencia às recém instaladas empresas mineradoras do carvão mineral como pode se ver nos trechos a baixo:

(...) Há muitos zimbabweanos que estão a sair de lá para cá porque a situação está mal no Zimbabwe, Moçambique hoje está melhor que o Zimbabwe, por isso muitos estamos a mudar para Moçambique. O crescimento econômico de Tete está a ser falado em todo lado. Toda gente tem olhos e ouvidos abertos para acompanhar notícias de Tete. Toda gente sabe que em Tete alguma coisa está acontecer. (10: sexo masculino, 40 anos de idade, 2006 ano de chegada)

(...) Vim a Tete porque aqui tem oportunidade de emprego e vive se melhor do que lá do outro lado. (37: sexo feminino, 38 anos de idade; 2010 ano de chegada).

Os resultados relativos ao setor de trabalho na origem (Zimbabwe) e no destino (Tete) também foram reveladores. Cerca de 70% dos entrevistados estavam no setor formal na origem e apenas 30% trabalhava no setor informal. No destino os resultados são inversos: 32,5% referiu estar no setor formal e 67,5% no setor informal. Essa constatação vai de acordo com afirmação de que alguns dos imigrantes qualificados conseguem algum emprego nas empresas mineradoras e outros setores formais enquanto a maioria com baixa qualificação e pouca experiência profissional vão disputando as atividades informais (venda ambulante, prostituição, venda de drogas) com os nativos (MOSCA & SELEMANE, 2010).

Nem todos aqueles que tinham um emprego formal no Zimbabwe são qualificados, sendo, na sua maioria, trabalhadores nas plantações, de tabaco, milho, cana de açúcar, dos fazendeiros brancos, onde faziam trabalhos que muitas vezes não exigiam qualificações acadêmicas. Há casos de pessoas que são analfabetas e que não sabem ler nem escrever, porém tinham um emprego formal no Zimbabwe. É importante pontuar que os trabalhos efetuados pelos mega projetos da mineração em Tete requerem alguma formação técnico profissional ou experiência em certas áreas específicas. De qualquer forma, é preciso ter em conta que alguns desses imigrantes, que estavam no setor formal de economia na origem e que no destino estão inseridos no setor informal, podem ter sofrido a depreciação ocupacional com a migração (*downward occupational mobility*).

Perguntamos aos entrevistados sobre o envio ou não de apoio financeiro na origem, não só pela importância das remessas, mas também porque essa questão é relevante para a discussão sobre probabilidade de retorno e de identidades transnacionais. Enviar algum apoio financeiro na origem significa ter alguma ligação com a família que lá ficou.

Os resultados das entrevistas relativamente a essa questão mostram que, no total 50% dos entrevistados envia apoio financeiro na origem (Zimbabwe) e os outros 50% não enviam. Mas na categoria de sexo, 58,33% dos homens enviam, e 41,67% dos homens não enviam. Para o sexo feminino os resultados são inversos, 37,50% envia apoio financeiro na origem e os outros 62,50% não envia. Esses resultados mais uma vez são influenciados pelo mercado de trabalho, dado que a maioria dos homens tem emprego formal, por conseguinte ganham relativamente melhor que aqueles que estão no mercado informal. Atendendo que a maioria das mulheres no destino (Tete) não tem emprego formal, o seu poder financeiro também é limitado, daí que a maioria delas não envia apoio financeiro na origem. Afinal, “ninguém dá o que não tem”. Alguns discurso dos entrevistados confirmam o que acabamos de dizer:

(...) não mando nada, porque não tenho o que mandar, uma vez que sou dependente do tio, que vive comigo. Por acaso gostaria de apoiar minha avó que ficou com os meus irmãos mais novos no Zimbabwe. (2: sexo feminino, 19 anos idade; 2012 ano de chegada).

(...) desde que estou aqui nunca me comuniquéi com a minha família, mas também o pouco que ganho é só para eu aguentar, não dá para enviar. (39: sexo feminino, 24 anos de idade; 2015 ano de chegada).

(...) mando alguma coisa quando apanho, mas às vezes quando passo mal aqui, eles também mandam para mim. (30: sexo feminino, 26 anos de idade; 2014 ano de chegada).

(...) como minha esposa e meus filhos continuam a residir no Zimbabwe, mando sempre dinheiro para escola das crianças e outras coisas, como comida, que é difícil de apanhar no Zimbabwe. (19: sexo masculino, 49 anos de idade; 2009 ano de chegada).

Embora os fluxos de remessas sejam muitas vezes vistos como um fator importante na redução da pobreza, facilitando o investimento das famílias e estimulando o crescimento económico e, a nível macroeconómico, melhorando a balança de pagamentos dos países beneficiários, em muitos países de África, as remessas são apenas um salário de sobrevivência, e que a sua contribuição para o desenvolvimento é pouco significativa (BILSBORROW, 2016).

Como já indicado, nos últimos tempos tem sido frequente as ondas de violências xenofóbicas em alguns países que são historicamente acolhedores dos imigrantes, nomeadamente a África do sul e o Botsuana. Por esta razão perguntamos aos nossos entrevistados se sofreram algum tipo de preconceito étnico/tribal ou xenofobia. Os resultados indicam que 70% afirmaram não ter sofrido nenhum tipo de preconceito ou violência xenofóbica e 30% afirmaram ter sofrido alguma violência verbal, mas que não

passou disso. Este relativo comportamento de acolhimento dos nativos de alguma forma, pode ter pesado na decisão de escolha de Moçambique (Tete) como destino ainda que os imigrantes passem nalgumas vezes por situações desagradáveis, dado que, nunca se ouviu falar de violência extrema, torturas físicas e assassinatos de estrangeiros como costuma acontecer com alguma frequência dentro do território sul africano. Aqui estão alguns relatos dos imigrantes zimbabwianos em Tete destacando essa questão:

(...) Aqui em Tete os estrangeiros não são discriminados nem sofrem atos de xenofobia como costuma se fazer na África do sul; aqui os estrangeiros vivem a vontade, a meu ver não são tão discriminados como acontece em outros países. (34: sexo masculino, 38 anos de idade; 2007 ano de chegada).

(...) Aqui sofremos discriminação, não somos livres! Somos chamados Anyakubwera (vindouro) e somos privados de muitas coisas. Mesmo no momento das entrevistas para emprego, quando descobrem que somos estrangeiros as vezes não somos admitidos, somos exigidos muitos documentos que não conseguimos tratar. Mas aqui é melhor que na África do Sul onde há xenofobia de verdade, porque aí os estrangeiros são batidos e até mortos, já aqui somos apenas insultados. (6: sexo masculino, 25 anos de idade, 2008 ano de chegada)

(...) Já fui insultada muitas vezes, somos chamadas de putas principalmente pelas mulheres daqui. Dizem que saímos do Zimbabwe para vir fazer prostituição por aqui, e que estamos a roubar maridos delas. As mulheres não gostam nada da gente. Mas não posso mentir que me bateram como aquilo que acontece na África do Sul; aqui somos insultadas. (40: sexo feminino, 36 anos de idade; 2009 ano de chegada).

Os trechos acima, deixam claro que casos isolados de discriminação e violência verbal contra os imigrantes zimbabwianos são um fato em Tete. Mas não se pode comparar com o que costuma se assistir na África do Sul, onde grupos de pessoas promovem ondas de violência em cidades grandes como Durban e Johannesburgo, por exemplo. Portanto, argumenta-se que entre os destinos de emigração uma parte considerável de zimbabwianos optam por Tete como região de destino

Finalmente, perguntamos aos imigrantes zimbabwianos sobre a intenção de retornar no seu país de origem. Estando o Zimbabwe ainda mergulhado numa crise generalizada, os resultados, revelaram um grau de patriotismos de certa maneira enfraquecido, na medida em que 70% afirmaram que pretendem morar definitivamente em Tete e que não pensam em retornar nunca ao seu país e apenas 30% afirmaram que retornariam caso as coisas um dia melhorassem no Zimbabwe. Talvez a chama de esperança dos imigrantes de retornar ao Zimbabwe tenha reacendido atendendo os recentes

acontecimentos políticos no Zimbabwe nomeadamente o golpe estado efetuado pelos militares daquele país que pôs fim o longo reinado do presidente Mugabe de 93 anos, após 37 anos no poder e a consequente subida ao poder de um novo presidente Emerson M`nangagwa, que tomou posse a 24 de Novembro de 2017, cujo discurso inaugural foi bastante promissor para os Zimbabweanos¹⁷.

¹⁷ No seu discurso inaugural, o novo presidente do Zimbabwe, prometeu relançar a economia do país através da resolução da polémica questão da terra que mergulhou o país numa profunda crise. Aliás, duas semanas após a sua tomada de posse os brancos fazendeiro começaram a retomar as antigas terras para produção, fato que foi reportado pela televisão Zimbabweana e pela BBC África.

4.2 Síntese dos resultados

Apesar do grau variável da qualidade das nossas fontes de dados quantitativos (Censo e registros dos trabalhadores imigrantes), elas se complementaram e enriqueceram os nossos resultados no sentido de caracterizar os imigrantes zimbabwianos. Soma-se aos dados quantitativos a pesquisa qualitativa gerada durante o trabalho de campo, o qual constituiu uma importante ferramenta para a análise da imigração zimbabweana em Tete, incluindo a construção de um perfil dos imigrantes e a identificação das motivações e implicações desse fluxo migratório.

Os resultados alcançados também contribuem para a validação de teorias da migração diversas como as que focam na economia, a saber a de Push-Pull e a teoria neoclássica e demais teorizações que englobam as dimensões estruturais (culturais, políticas e sociais) como as que versam sobre os conceitos de comunidades transnacionais e redes sociais. Nesta dissertação argumentou-se que a imigração zimbabweana para Tete não foi motivada unicamente pela atração econômica e do mercado de trabalho mas, também, por diferentes razões como de afinidade linguístico-culturais, existência de redes sociais e relações de parentesco nas comunidades transnacionais separadas (e unidas) entre o Zimbabwe e a província moçambicana de Tete. Essa variedade de motivações, e não somente a existência de rotas de transporte entre os locais de origem e de acolhimento desempenharam um papel decisivo na escolha de Tete como destino dos imigrantes zimbabwianos entrevistados para essa pesquisa.

Os resultados mostram também que a maioria dos imigrantes Zimbabwianos em Tete está inserida no setor informal da economia, e os seus locais de trabalho não constam dos ficheiros de registros oficiais do estado, e que muitas vezes procuram criar estratégias informais de sobrevivência. Tais estratégias se fazem necessárias uma vez que grande parte desses imigrantes tem um nível de escolaridade muito baixo, tal como mostraram os resultados do censo.

Conforme indicado no decorrer do texto, o mercado de trabalho formal de Tete é composto principalmente por empresas mineradoras e subcontratadas que impõe uma série de pré-requisitos para contratação de seus funcionários, a saber nível de escolaridade alto ou experiência e em áreas específicas o que acaba por excluir a grande maioria dos imigrantes zimbabwianos. Os mecanismos de seletividade dos famosos mega projetos de Tete são

discriminatórios para a mão de obra não qualificada. Contudo, os resultados das entrevistas semiestruturadas, mostraram que na origem (Zimbabwe), a maioria dos imigrantes trabalhava no setor formal. Porém, em contraste com o país de destino, tal como mostram os dados do censo e dos registros dos trabalhadores, a maioria deles está no setor informal da economia. Importa referir que, o setor agrícola, dos fazendeiros brancos no Zimbabwe antes da crise é que empregava grande parte dos zimbabwianos e a natureza dos trabalhos nas grandes plantações de produtos diversos (tabaco, milho, cana de açúcar, soja) não exigia que os trabalhadores tivessem um alto grau de escolaridade, ao contrário da exigência das mineradoras de Tete. Embora o atrativo econômico seja uma das motivações, os dados analisados a partir das entrevistas indicam que a escolha de Tete como destino não se resume ao mercado de trabalho, mas é acentuado pela proximidade geográfica, ligações ancestrais e de parentesco e pelas afinidades culturais entre os dois povos. Apesar destas motivações diversas, não se pode descartar que este fluxo migratório tenha se intensificado muito com a chegada dos mega projetos de mineração em Tete como opção de trabalho frente a violência xenófoba perpetrada contra os imigrantes na África do Sul, o maior destino de imigrantes dos países da SADC.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo analisar a nova onda de imigrantes em Tete – Moçambique, através do caso dos zimbabwianos. Conforme mencionado, a pesquisa se valeu do Estudo de Caso através do cruzamento de metodologias quantitativas e qualitativas. Os dados quantitativos, nomeadamente o censo moçambicano de 2007 e os registros dos trabalhadores imigrantes, fornecidos pelos órgãos estatais em Tete permitiram proporcionar o perfil sócio demográfico dos imigrantes zimbabwianos que se encontram em Tete, e nos permitiram fazer uma avaliação das tendências da entrada de imigrantes zimbabwianos qualificados na província de Tete, considerando que, os não qualificados dificilmente conseguem um emprego formal e, por conseguinte não são contemplados pelos registros governamentais. Por outro lado, os dados qualitativos recolhidos através das entrevistas semiestruturadas feitas juntos aos zimbabwianos permitiram nos esboçar um perfil dos imigrantes zimbabwianos em Tete e identificar as motivações e consequências desse fluxo migratório.

Dada a complexidade os movimentos migratórios (multiplicação dos destinos e mudanças das trajetórias tradicionais) na África austral esta dissertação privilegiou diversas perspectivas teóricas cuja reciprocidade entre elas trouxe benefício para a compreensão do tema em estudo. Ao assumir uma multiplicidade de fatores (econômicos, políticos, culturais e sócias) da imigração zimbabweana em Tete, fizemos referência a teoria de atração e repulsão (push-pull) e teoria neoclássica das migrações na perspectiva econômica e do papel das remessas, dado que um dos fatores fundamentais discutidos nesta dissertação é o incremento da demanda laboral em Tete por causa das atividades da exploração mineiras. Uma vez que, essas teorias sozinhas não podem explicar o fenômeno migratório em Tete, procuramos explorar outras dimensões culturais, através da teoria das comunidades transnacionais; dimensões geopolíticas, o papel das redes sociais extremamente importantes ao falar dos setores da economia informal e dimensões de gênero que são uma componente importante para esta dissertação.

Os resultados desta dissertação validam as teorias aqui mencionadas, ao se assumir que a imigração zimbabweana para Tete não foi motivada unicamente pela atração econômica e do mercado de trabalho, mas também por razões de afinidade culturais e de parentesco. Estas afinidades foram criadas e fortificadas pela presença massiva de moçambicanos no Zimbabwe nos longos dos anos de guerra colonial (1964-1974) e guerra civil (1977-1992), o que nos leva

a concluir que, o fato de o Zimbabwe ter acolhido milhares de moçambicanos no passado, encoraja nos dias atuais aos zimbabwianos a fazer o caminho contrário.

Sabe-se que a crise interna do Zimbabwe, decorrente da desastrosa reforma agrária dos anos 2000, foi a principal impulsionadora da emigração da população daquele país. Mas o que teria levado uma parte considerável de emigrantes zimbabwianos a escolherem a província moçambicana de Tete como seu destino? Não existe uma resposta simples e pronta que pode ser oferecida para esta questão. Por isso esta dissertação defende uma multiplicidade de fatores, que combinados contribuíram para que Tete (historicamente marcado como região de envio de emigrantes) se tornasse também uma região de acolhimento de imigrantes. Em primeiro lugar, a longa tradição da mobilidade intra-regional na África austral, facilitada por fronteiras relativamente porosas e fortes laços culturais, linguísticos e de parentesco, entre a região de origem (Zimbabwe) e a região de destino (Tete). Em segundo lugar ressalta-se o “aparente” crescimento econômico da província de Tete, anunciado pela instalação dos mega projetos de mineração em uma altura em que a África do sul (o maior acolhedor de imigrantes da região) se encontrava imerso nas ondas de xenofobia na qual centenas de estrangeiros sofreram algum tipo de violência. Conforme indicaram alguns de nossos entrevistados o cenário de medo na África do Sul, contribuiu para o aumento da imigração dos vizinhos para Tete.

Em relação ao perfil dos imigrantes do Zimbabwe em Tete, os resultados apontam que, devido ao seu baixo nível de escolaridade e possivelmente do seu status de imigrantes irregulares grande parte destas pessoas está inserido no setor informal da economia, trabalhando nas obras, em salões de beleza, em restaurantes formais e informais como; vendedores ambulantes e até mesmo em atividades como de venda de drogas e prostituição.

Indica-se ainda que Tete e Moçambique necessitam criar estratégias frente a problemática da imigração como, por exemplo, preparar leis e fazer planejamentos de políticas públicas para gerir os fluxos migratórios atuais e para que estes tragam benefícios em prol do desenvolvimento do país e dos sujeitos envolvidos. Por outro lado, a criação do quadro legal, e o planejamento de políticas de desenvolvimento, pode evitar que as migrações provoquem tensões políticas, econômicas e sociais, dada a pressão que os imigrantes exercem aos serviços sociais, educacionais e de saúde. Além disso, se faz necessário discutir o fenômeno da migração em Moçambique em relação a um espaço geográfico mais amplo de desenvolvimento regional e bem estar dos imigrantes nos países da Comunidade para o

Desenvolvimento da África Austral (SADC). Nesta direção, a problemática levantada por esta pesquisa, dos zimbabwianos em Tete, contribui para o aprofundamento da perspectiva de migrações Sul-Sul, relativamente ofuscadas pela ideia de trajetórias no sentido Sul-Norte.

É importante pontuar que há uma falta de clareza do quadro legal relativo às migrações nos países da SADC, pois apesar deste grupo de países ter adotado um protocolo sobre a facilitação da movimentação de pessoas, este protocolo ainda não foi ratificado o que põe a maioria dos imigrantes em situação de irregulares. Por esse motivo, os imigrantes são expostos a pressões e a violência por parte da polícia, tal como relataram alguns dos entrevistados. De fato, os regulamentos sobre a livre circulação nas fronteiras da SADC não está ainda livre de obstáculos na medida em que as prioridades nacionais e as políticas e práticas conflitantes prevalecem sobre as regras do órgão regional como um todo (CASTLES E MILLER 2009).

A crise interna zimbabweana não é apenas mais um episódio que incide sobre um Estado vizinho, mas é parte integrante dos problemas de cada um dos países da SADC já que o Zimbabwe ocupa um histórico lugar de destaque no sistema econômico e político da região.

Dada a exiguidade de estudos que abordam a imigração de estrangeiro para Moçambique e Tete em particular, esta dissertação procurou refletir sobre o movimento migratório intra-regional no contexto da África Austral, numa altura em que os destinos se multiplicam e as trajetórias tradicionais são contrariadas, tornando a compreensão do fenómeno migratório cada vez mais complexa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Yussuf. *Guerra, Fome, Seca e Desenvolvimento: Lições de Changara, Moçambique*. In: Arquivo nº 10, Maputo, 1991. Pp. 185-208

ADAM.Y. DAVIES. R. HEAD. J. Mão-de-obra Moçambicana na Rodésia do Sul, *Estudos Moçambicanos* (2) 1981. pp. 59-72.

AMOR, H. et al.,. Mode de vie, habitudes alimentaires et identité des immigrants sénégalais au Maroc. Presented at the African Migration Workshop, Dakar, November. 2010.

ARAUJO, Ana Rosa. *Manual de Demografia para Estudantes de Medicina*. Maputo: CEP, 2001.

ARAUJO, M. & MUNAMOHA, R. Migrações Indocumentadas de Moçambique para Africa do Sul. Impacto Socioeconômico nas comunidades de oriegm. RILP – III série, nº 24, 2011.

ARNALDO, Carlos e MUANAMOHA, Ramos. *Dinâmica Demográfica e Suas Implicações em Moçambique*. Maputo: Cepsa, 2014.

BAKEWELL, O. et al, South-South migration and human development: Reflections on african experiences. Human Development Research Paper 2009/07.

BBC BRASIL, 19 DE MAIO DE 2008.

BEACH, D. *As Origens de Moçambique e Zimbabwe: Paiva de Andrada, a Companhia de Moçambique e a Diplomacia Africana*. In: Arquivo nº12, Maputo, 1993.

BILSBORROW, R. *Concepts, definitions and data collection approaches*. In: White, M. International handbook of migration and population distribution. New York NY, Springer, p. 109-156, 2016.

BRANCO, Luís Castelo. África e a crise no zimbabwe. Lusíada. Política Internacional e Segurança, nº 1, 2008.

BRITO, F. Brasil, final de século: A transição para um novo padrão migratório? *Revista ABEP*, 43, 2000.

CAHEN, Michel. *Mozambique. Historie Geopolitique d'un Pays Sans Nation. Lusotopie*. (Paris, Karthala), 1994.

CASTLES, Stephen. Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios. Dos trabalhadores convidados às migrações globais. Trad. Frederico Ágoas. Lisboa: Fim de século, 2005.

CASTLES, S & MILLER, M.J. *International Population Movements in the Modern world: The Age of Migration*. New York, 2003.

_____. The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World, 4th Edition, New York: Palgrave Macmillan, 2009

CASTLES, S. & DELGADO, Wise, R (eds). Migration and Development: Perspectives from the South, Geneva: International Organisation for Migration. 2008

CEBOLA, Tomás Pita. O Impacto da Declaração Unilateral da Independência para a Economia Política da Rodésia e da Região, 1965-1980 . Trabalho de Licenciatura (História) – Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, UEM, 2010.

CHICHAVA, Sérgio. *Por uma Leitura Sócio-Histórica da Etnicidade em Moçambique*. Maputo: IESE, 2008.

COELHO, João Paulo Borges. *Tete, 1900-1926: O Estabelecimento de uma Reserva de Mão-de-Obra*. In: Arquivo nº 10, Maputo, 1991.

Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional. O sector formal (oficial) da economia e o sector informal da economia que praticam a fraude e evasão fiscais e contributivas. Lisboa: CGTP-IN, 2011.

CRESWELL, John W. Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativos, quantitativos e mistos. SAGE, 2010.

CUNHA, Albino. Migrações e desenvolvimento: Lógicas de terreno entre a Europa e a África. Revista Antropológicas n.º 10, 2007.

DAS NEVES, Joel. *Tete e o Trabalho Migratório para a Rodésia do Sul, 1890-1913*. In: Arquivo nº13, Maputo, 1991.

DODSON, B, et al., 'Gender, Migration and Remittances in Southern Africa', in J. Crush (ed) Migration Policy Series, Vol. 49, Cape Town: Southern African Migration Project. 2008.

DOPCKE, Wolfgang. Uma Nova Política Exterior Depois do Apartheid? Reflexões Sobre as Relações Regionais de África do Sul, 1974-1975. In: *Revista Brasileira da Política Internacional*, 1998, 41 (1) 133-161.

DE VLETTER, F. Labour migration in South Africa: the lifeblood for southern Mozambique. In: MACDONALD, David. A. (ed.). On borders: Perspectives on International Migration in Southern Africa. Southern African Migration Project. St Martin's Press. Cape Town, SA. 2000.

GAGNON & KHOUDOUR-CASTÉRAS. South-south migration in west Africa: addressing the challenge of immigrant integration Working Paper No. 312. 2012.

GUILLON, Michelle La mosaïque des migrations africaines, in *Esprit*, agosto/setembro 2005.

HARRIES, P. Work, culture, and identity: Migrant laborers in Mozambique and South Africa, c. 1860-1910. Allen Isaacman and Jean Hay (eds.). Witwatersrand University Press, Johannesburg, 1994.

HEMER, Franz-Wilhelm. *Fronteiras em África*. In: *África Debate* Lisboa, nº 3, 2002.

HUGO, G. Environmental Concerns and International Migration. *International Migration Review* 30(1, Special Issue: Ethics, Migration, and Global Stewardship), 1996.

HUMAN RIGHTS WATCH, Bullets for Each of You: State-Sponsored Violence since Zimbabwe's March 29 Elections. [15 de Junho de 2008] Disponível em: <http://www.hrw.org/reports/2008/zimbabwe0608/index.htm>. Acesso em: 15 de Novembro de 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATISTICA. *Manual de Conceitos e Definições Estatísticas de Moçambique*. Maputo: INE, 2013.

_____. *Panorama Sócio-Demográfico de Moçambique*. Maputo: INE, 2013.

ITO, Azevedo Claudemira. *Reflexões Sobre as Migrações Internacionais*. (S.d.)

LIESEGANG, Gerhard. Os sectores Formais e Informais em Moçambique. Maputo: FLCS/UEM, 2007.

MACHADO, Ana Flávia et al,. Evolução do diferencial de rendimentos entre setor formal e informal no Brasil: o papel das características não observadas. In: *Revista Econômica contemporânea*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 355-388, maio/ago. 2008.

MACKINTOSH, Maureen. O Capital Privado e o Estado no Sistema de Transportes da África Austral, *Estudos Moçambicanos* (5/6) 1986. 83-128.

MARCONI, M. de Andarade e LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica: São Paulo, Editora Atlas S.A, 2003.

MARQUES, José. C. L. Os portugueses na Suíça: migrantes europeus. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

MARTINE, George. *A Globalização Inacabada: Migrações Internacionais e Pobreza no Século 21*. São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 3 p. 3-22. 2005.

MASSEY, D. et al. "New migrations, new theories" In: *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium*. New York: Oxford University Press, 1998

MASSEY, D. Return to Aztlan: the social process of international migration from Western Mexico. Los Angeles: University of California Press, 1990

_____. Theories of International Migration: A Review and Appraisal. *Population and Development Review*, 19 (3), September, 431-66, 1993.

MATTEOS, Natalia. R.. *Una Invitación a La Sociologia de Las Migraciones*. Barcelona: Bellaterra, 2004.

MINILLO, Xaman. Peekabo! uma análise em três níveis do reconhecimento de uma crise no zimbábue pelo ocidente. *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v.6. n.10, jul./dez. 2017

MINTER, W. & SCHMIDT, E. When Sanctions Worked; The Case of Rhodesia Reexamined, *African Affairs*, 87 (347) 1980. pp 207- 237.

MOSCA, João & SELEMANE, Tomas. *EL DOURADO TETE: Os Mega Projectos de Mineração*. Maputo: CIP, 2011.

_____. *Mega projectos no Meio Rural, Desenvolvimento do Território e Pobreza: O Caso de Tete*. Maputo: CIP, 2012.

MLAMBO, Alois. S. *Prelude to the 1979 Lancaster House constitutional Conference on Rhodesia: The Role of International Economic Sanctions Reconsidered*. In: *Historia*, 50, 1 May 2005, pp. 147-172

MTISI, Joseph; NYAKUDYA, Munyaradzi, & BARNES, Teresa. *Social and Economic Development During the UDI Period*. In: Raftopolous, Brian & Mlambo, Alois, eds. *Becoming Zimbabwe. A History from the colonial period to 2008*. Harare: Weaver Press; 2009; pp. 115-140

MUANAMOHA, Ramos. *Padrões da Migração Laboral Indocumentadas de Moçambique para a África do Sul*. CAP/UEM, 2011.

NDLELA, Daniel B. Problems of Industrialization: Structural and Policy Issues. Mandaza, Ibbo ed. *Zimbabwe. The Political Economy of Transition, 1980-1986*. Dakakar: Codesria; 1987; pp. 141-164

NICOLAU, Victor Hugo. Poder, clientelismo e violência política no Zimbabwe: a Terceira Chimurenga. In: *Cadernos de Estudos Africanos*, 2, 2014.

ONU. Migração Mundial em Números: Uma contribuição conjunta do UNDESA e da OCDE para o Diálogo de Alto Nível das Nações Unidas sobre Migração e Desenvolvimento, 3 e 4 de outubro de 2013.

PALMER, R. Land Reform in Zimbabwe, 1980-1990. *African Affairs*, 89, 335, pp. 163-181, 1990

PATARRA, Neide Lopes. *Migrações Internacionais: Teorias, Políticas e Movimentos Sociais*. Estudos Avançados 20 (57), 2006.

PATRÍCIO, Marta. Identidade Étnica, Regional ou Transnacional? O Caso Ndau. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciencias Socias , 2011

PATRÍCIO, Gonçalves. Moçambique: compulsando as migrações internas e internacionais. InterEspaço Grajaú/MA v. 2, n. 5 p. 78-101 jan./abr. 2016.

PENDLETON, W, et al,. Migration, Remittances and Development in Southern Africa.In: J. Crush (ed) Migration Policy Paper Series, Vol. 44, Cape Town: Southern African Migration Project. 2006.

PEIXOTO, João. As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas. Lisboa: SOCIUS Working Papers Nº 11/2004.

PETERSON, W. A. A General Typology of Migration, American Sociological Review, 23(3):256-266, 1958.

PNUD. Ultrapassando barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humanos. Relatório de Desenvolvimento humano 2009. Palgrave Macmillan, New York, 2009.

PORTO, J. Gomes. Zimbabwe: contributos para a compreensão de uma crise multifacetada. relações internacionais, março : 17 pp. 109-134 . 2008.

PORTES, Alejandro. Migrações internacionais. Origens, Tipos e Modelos de Incorporação. Oeiras: Celta, 1999.

RAIMUNDO, Inês M. *Migração e HIV/SIDA em Moçambique: Desafios da Região Centro de Moçambique*. In: GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, no 29 – especial, 2011.

_____. *Migrações em Moçambique: Reflexões sobre uma Política de Migração*. in: Revista Estudos Moçambicanos, nº22, 2011.

_____. Causas, Consequências e Padrões da Migração Internacional de Moçambique: Questões Emergentes no Espaço da Lusofonia. In: RILP, III Série, nº 24, 2011.

_____. População, Mobilidade, Pobreza Rural em Moçambique e Feitiçaria. Maputo, 2009.

RAIMUNDO, Inês M & MUANAMOHA, Ramos. A dinâmica migratória em Moçambique.In:Arnaldo, C. & Cau B. M.(org). Dinâmicas da População e Saúde em Moçambique. Maputo: Cepsa, 2013.

RAMALHO, H. M. de Brito & NETO, R. da Mota Silveira. A inserção do migrante rural no mercado de trabalho urbano no Brasil: Uma análise empírica da importância dos setores informal e formal. In: Estudos Econômicos. São Paulo, vol. 42, n.4, p.731-771, out/dez. 2012.

RATHA, D. & SHAW, W. South-South Migration and Remittances World Bank Working Paper, Washington D.C.: Development Prospects Group, World Bank. 2007.

ROBERTS, Andrew. *A History of Zambia*. London: Heinemann, 1976/1981.

SAYAD, A. A imigração: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998

SERRA, Carlos (direcção). *História de Moçambique Parte I: Primeiras Sociedades Sedentárias e Impacto dos Mercadores, 200/300-1885*. Maputo: imprensa Universitária, 2000.

SIEGEL, J., & SWANSON, D. (Eds.). *The methods and materials of demography* (Second ed.). San Diego: Elsevier Academic Press, 2004.

SKELDON, R. *Population Mobility in Developing Countries*, Belhaven Press, Londres, 1990.

SKELDON, R. Interlinkages between internal and international migration and development in the Asian region, *Population, Space and Place* 12(1): 15-30. 2006

SMITH, M. P. *Transnational urbanism - locating globalization*. Malden Blackwell: Publishing, 2001.

SOARES, F.V. Some Stylized Facts of the Informal Sector in Brazil. IPEA, texto para discussão, n. 1020, 2004.

SPEARE, A. The Relevance of Models of Internal Migration for the Study of International Migration. In *International Migration: Proceedings of a Seminar on Demographic Research in Relation to International Migration*. Ed. G. Tapinos. Paris: CICRED. Pp. 84-94. 1974.

UA: reunião de peritos sobre a migração e desenvolvimento de 3 a 5 de Abril 2006 em Argel. 2006.

UNCHR. *Deslocados e refugiados no mundo*, 2006.

ZAGO, Evandro Farid. a crise zimbabuana sob as lentes da justiça internacional. *cadernos de relações internacionais*, v. 2, n.1, 2009.

ZELINSKY, W. The hypothesis of the mobility transition. *Geographical Review*(61), 219 – 249, 1971.

7. ANEXO. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS FEITAS AOS IMIGRANTES ZIMBABWEANOS EM TETE.

Universidade Federal de Minas Gerais, FACE, CEDEPLAR.

Programa de Pós-Graduação em Demografia

Nome: Tomás Pita Cebola

Roteiro de entrevista semi-estruturada com imigrantes zimbabwuanos em Tete (Moçambique) para a pesquisa: “*A Nova Onda de Imigrantes em Tete-Moçambique: O Caso dos Zimbabwuanos (2007-2015)*”¹⁸

Nome do entrevistado:

Sexo:

Idade:

Status conjugal:

Local de nascimento:

Local de ultima residencia:

Escolaridade:

Línguas que fala:

ORIGEM

Fale sobre a origem da sua familia. De onde são seus pais e avós?

E você, nasceu onde? Poderia falar um pouco sobre seu lugar de origem?

¹⁸ Três autores foram fundamentais na elaboração deste roteiro de entrevistas, nomeadamente: Bilsborrow, R (2016). Concepts, definitions and data collection approaches. In: White, M. International handbook of migration and population distribution. New York NY, Springer, p.109-156.

Skeldon, R (1990). *Population Mobility in Developing Countries*, Belhaven Press, Londres. Capítulo 1: “The problema of measurement.

Castles, S. (2012). Understanding the relationship between methodology and methods. In: Vargas-Silva, Carlos. Handbook of research methods in migration. Cheltenham, UK, Edward Elgar, p. 7-23

A sua família tem algum histórico de migração para fora do Zimbábue? Quem são as pessoas que migraram e para onde foram?

Você chegou a sair do seu lugar de origem para dentro ou fora do Zimbábue, antes de vir a Moçambique? Para onde foi e porque?

Você vivia com quantas pessoas no seu domicílio (agregado familiar)? Quem eram essas pessoas?

Quais eram os meios de sobrevivência da sua família? E você, o que fazia antes de vir para Moçambique?

Antes de vir para Moçambique você sentia alguma forma de privação em termos de renda, acesso à educação, liberdade de expressão, liberdade política ou outro motivo? Fale sobre isso

Você conhece moçambicanos que vivem no Zimbábue na sua zona de origem? O que eles fazem, porque e quando eles se mudaram para o Zimbábue? Pode contar a história de alguns desses moçambicanos?

Você acredita que, atualmente, exista um fluxo de pessoas da sua zona de origem para Moçambique e para Tete em particular? Por que?

Na sua opinião o fato de haver moçambicanos no Zimbábue desde os tempos da guerra, teria estimulado os zimbabueanos a irem também para Moçambique? Porque?

Você acredita que exista semelhanças entre Moçambique e Zimbábue? Quais?

O que as pessoas do Zimbabwe, da sua zona de origem, pensam sobre Moçambique e especialmente sobre Tete?

MIGRAÇÃO

Quais os motivos que te fizeram querer sair do seu país?

Você pensou em ir para outro país, antes de vir para Moçambique? Quais e porque?

De que maneira Moçambique, e Tete, em particular, surgiram como alternativa?

O que você sabia sobre Moçambique, sobre a província e cidade de Tete antes de vir para cá?

Você tinha algum parente, amigo ou conhecido em Moçambique e em Tete? Eles te incentivaram a vir? O que disseram?

Qual foi o papel da sua família na sua decisão de migrar?

Você trouxe algum membro da sua família consigo?

Conte como foram os arranjos para a viagem. Alguém de sua família, amigos ou outros te ajudaram, como?

O que trouxe consigo? Fale de sua bagagem.

Ao chegar em Tete, como encontrou trabalho e moradia?

Conta com o apoio de outros zimbabuanos em Tete? Como eles ajudam?

CHEGADA E ADAPTAÇÃO

Qual foi o trajeto que você fez para chegar até Tete?

Qual foi a sua primeira impressão da província e cidade de Tete?

Como foi a recepção das pessoas em geral?

Alguém te auxiliou na sua instalação? Quem? Como?

Onde e com que mora atualmente?

Qual quais pessoas ou grupos mantêm vínculos em Tete? (REDES)

Conheceu outros nacionais de Zimbabwe em Tete? Onde?

Conheceu outros estrangeiros? Com qual grupo se identifica mais?

Sofreu algum tipo de preconceito étnico/tribal ou xenofobia? Em que situação?

Mantém alguma tradição de seu país? Quais?

Frequenta algum espaço religioso? Quais e quando?

Em que língua se comunica com as pessoas de Tete?

Tem domínio do português? Se tem, como aprendeu? Fez algum curso, onde? Acredita que a língua tem impacto na sua adaptação?

Qual a principal diferença entre as pessoas daqui e as do Zimbabwe?

Quais as atividades de trabalho que já realizou em Tete e o qual trabalho está fazendo agora?

O que faz nas horas de lazer?

Quais foram as suas maiores dificuldades de adaptação ao novo lugar?

Acha que a emigração para Moçambique tem sido como você esperou? Porquê?

RELAÇÃO COM A FAMÍLIA NO LOCAL DE ORIGEM

Como se dá o contato com a sua família no Zimbabwe? Com que frequência os contacta e por quais meios?

Recebe algum tipo de ajuda financeira da sua família no Zimbabwe?

Envia algum tipo de ajuda financeira à sua família no Zimbabwe?

Houve algum conflito com relação a isso?

Teve oportunidade de retornar à terra natal? Quantas vezes? Como foi a volta?

Alguns de seus parentes já vieram a Moçambique (Tete) ou pretendem vir te visitar?

Têm parentes ou amigos que pretendem emigrar para Tete? Acha que o fato de você ter emigrado os influencia a vir também?

Os recursos que você obtém em Moçambique servem apenas para sobrevivência, investe ou planeja investir em alguma coisa na origem ou mesmo aqui em Moçambique?

De que forma você consegue ter acesso aos serviços básicos do Estado como a saúde, educação, e outros serviços?

Os seus filhos que nasceram em Moçambique (se é que teve filhos aqui) tem nacionalidade moçambicana ou dupla nacionalidade? O fato de você ter nascido filhos aqui facilita acesso da família aos serviços do Estado ou mudou os planos futuros da família?

E) PLANOS FUTUROS

Você pretende retornar ao Zimbabwe? Por que?

Tem planos de emigrar para outro país? Qual e Por que?

Se ficar em Tete, tem planos de trazer alguém de sua família?

Quando voltar ao Zimbabwe, você acredita que seu papel na família irá mudar de alguma forma? Como?

O que deseja para seu futuro?

